



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA**  
**IHAC – INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E**  
**CIÊNCIAS**  
**PROFESSOR MILTON SANTOS**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES -**  
**PROFARTES**

**AILTON RIBEIRO**

**O TERCEIRO SINAL**  
**PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A**  
**FORMAÇÃO DO ALUNO/ESPECTADOR NUMA ESCOLA PÚBLICA.**

Salvador

2016

**AILTON RIBEIRO**

**O TERCEIRO SINAL:  
PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A  
FORMAÇÃO DO ALUNO/ESPECTADOR NUMA ESCOLA PÚBLICA.**

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Cajaíba

Salvador

2016

## **O TERCEIRO SINAL: PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO/ESPECTADOR NUMA ESCOLA PÚBLICA.**

### **THE THIRD SIGN: PROCEDURES THEORETICAL- METHODOLOGICAL TRAINING STUDENT / SPECTATOR IN A PUBLIC SCHOOL**

#### **Resumo**

O presente artigo reflete sobre o processo teórico-metodológico adotado para disciplina de Teatro em uma escola pública de Salvador. O objetivo foi estimular a prática cênica com o intuito de levar os alunos a conhecerem os signos teatrais para fazer uma leitura mais crítica da cena e, com isso, tornarem-se público potencial. Abordo a falta de hábitos culturais de nossos alunos. O desconhecimento os distancia ainda mais. Através de uma vivência na qual foram abordados os jogos teatrais propostos por Viola Spolin, teoria, apreciação e mostra teatral, os alunos do 9º ano da Escola Municipal 2 de Julho puderam entrar em contato com esse universo, apropriando-se dos elementos que o constitui. Defendo que somente a prática de se fazer e/ou ver teatro com frequência, despertará o prazer e os transformará em espectadores.

**Palavras Chaves:** Teatro/Educação, formação de público, processos criativos, ensino de teatro.

#### **Abstract**

This article seeks to reflect upon the theoretical and methodological process chosen for the drama discipline in a public school in Salvador. The goal was to stimulate the scenic practice in order to lead students to know the theatrical signs in order to develop a more critical reading of the scene and thereby become a potential audience. I approach the lack of cultural habits of our students. Ignorance makes them even more distant from those habits. Through an experience in which theater games proposed by Viola Spolin, theory, appreciation and theatrical display were addressed, students of the 9th year of 2 de Julho School were able to get in touch with this universe, seizing for themselves the elements that constitute said universe.

I advocate that only by working in and/or often going to theaters one awakens the love for the theater and is turned into a spectator.

**Keywords:** Theatre/Education, public education, creative processes, theater education.

## INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu da necessidade de se discutir o papel da escola na formação de alunos para que possam ser espectadores. A partir de um processo criativo, exponho uma metodologia para a decodificação de novos signos teatrais que possibilite uma percepção mais acurada do discurso teatral, alimentando o gosto pelo debate estético. É o prazer por esse debate que aproximará esses jovens dos espaços culturais.

Durante alguns anos, trabalhei com teatro itinerante no sul do Brasil, apresentando espetáculos em escolas públicas e privadas. Essa proximidade com a escola trouxe a certeza de que o hábito de assistir espetáculos teatrais levaria muitos desses jovens a apreciar teatro. Tivemos muitos relatos de jovens que desenvolveram essa autonomia.

Esses relatos aconteceram porque nos apresentamos por vários anos seguidos nas mesmas escolas e pudemos acompanhar o desenvolvimento de alguns deles através de depoimentos informais. As apresentações foram feitas em três estados do sul do país: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os relatos vieram principalmente do Rio Grande do Sul, pois foi o estado que mais visitamos.

Enquanto educador, tive duas experiências bastante gratificantes. A primeira foi a partir de uma oficina de teatro na cidade de Charqueada, a 250 Km de São Paulo. Uma oficina de 2 meses, com professores da rede municipal da cidade, que se estendeu por 3 anos. Montamos 3 espetáculos e apresentamos para todos os alunos da rede e para a comunidade em geral. O grupo que foi inicialmente formado apenas por professores, logo foi ampliado com filhos de professores e alunos da rede. Hoje esses professores continuam desenvolvendo trabalhos teatrais na cidade de Charqueada.

A segunda experiência foi numa escola de ensino médio da cidade de São Paulo. Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos – EJA. Durante quatro anos, levei os alunos ao teatro com uma certa frequência. No Sesi-SP, com um teatro na Avenida Paulista, apresentava dois espetáculos por semestre e, através do Projeto Formação de Público, agendava a ida de escolas gratuitamente. Um espetáculo era voltado para o público adolescente, e outro para o público adulto. Também através de relatos pude perceber o quanto isso instigava os alunos a irem ao teatro. Alguns alunos que levaram depois, a família. Outros que assistiram várias vezes ao espetáculo, ou seja, foram sozinhos, sem a presença da escola.

O desejo de desenvolver este projeto veio dessas experiências. Perceber que é possível formar espectadores. O desafio da experiência aqui descrita está no perfil dos alunos da rede

municipal de Salvador. É um público adolescente do ensino fundamental II, portanto mais jovem e de uma realidade diferente, sem a infraestrutura que tive nas duas experiências anteriores. Na primeira tivemos total apoio da Secretaria de Educação do município, como espaço, equipe de apoio e dinheiro para as montagens teatrais. Na segunda, tivemos o apoio do Sesi-SP oferecendo espetáculos teatrais e ingressos gratuitos.

Salvador não dispõe, com regularidade, de espetáculos teatrais para jovens e há escassos programas de formação de público. A Secretaria de Educação também não dispõe de material, nem de espaço físico adequados para montagens teatrais. Em compensação, a escola disponibiliza aulas específicas de teatro em seu currículo com dois encontros semanais de 50 minutos. Isso fez desta experiência uma terceira possibilidade, pois a base está no processo pedagógico, ou seja, na metodologia que foi desenvolvida para se chegar aos resultados esperados.

Este artigo descreve o resultado desta experiência na Escola Municipal 2 de Julho, no bairro Trobogy, na periferia de Salvador, com alunos do 9º ano, na qual foi desenvolvida uma proposta pedagógica que aproximasse os alunos da produção teatral soteropolitana e os fizesse criar gosto pelo fazer teatral, estimulando-os a frequentar os espaços culturais da cidade. Para isso, o projeto se propôs a desenvolver uma prática que estimulasse o debate estético e a leitura dos novos signos, através dos jogos teatrais, história do teatro, criação e apreciação teatral. Como afirma Desgranges (2002, p. 29), “O prazer advém da experiência, o gosto pela fruição artística precisa ser estimulado, provocado, vivenciado, o que não se resume a uma questão de marketing”.

A responsabilidade por esse processo criativo esteve nas escolhas metodológicas, que poderiam ou não desenvolver uma “visão de mundo” com a qual os estudantes interagem. O papel da escola foi propiciar as condições necessárias possíveis ao desenvolvimento do projeto. Pupo (2003), destaca a escola como sendo um “centro do projeto democrático” cabendo a ela refletir sobre os procedimentos metodológicos de teatro na formação desses jovens. O meu papel, enquanto educador e pesquisador, foi estimulá-los em seus potenciais criativos, em busca de um indivíduo que pudesse fazer uma leitura crítica de si e do seu entorno, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998)

Para fundamentar este projeto, recorri à leitura da obra de um especialista em formação de público, Flávio Desgranges. Ele faz, em seus estudos, uma reflexão sobre como uma experiência artística pode transformar em possibilidades pedagógicas para a compreensão do teatro na formação educacional, instrumentalizando-o na comunicação,

leitura e compreensão da realidade. Desgranges (2002), propõe a transformação de um espectador passivo em protagonista.

Para aplicação dos jogos teatrais, escolhi a obra de Viola Spolin que sistematizou um método de ensino através dos jogos. Spolin os utiliza como instrumentos de integração social e para o trabalho de grupo. Seus jogos são simples e se baseiam na resolução de problemas, buscando uma relação com eventos cotidianos. Além disso, Spolin (2005) diz que para o jogo acontecer há necessidade de o grupo estabelecer uma relação forte, pois é desta relação que vai surgir o material necessário para a construção teatral.

Muitos outros autores já propuseram obras que contemplam métodos teatrais possíveis de uso pedagógico: Ricardo Japiassu, Ingrid Koudela, Olga Reverbel, Augusto Boal, Jean-Pierre Ryngaert, só para citar alguns, diante de tantos outros teóricos que vêm contribuindo para uma prática educacional que estimule o gosto para o fazer teatral.

Então eu pergunto: qual a relevância do meu projeto? Penso que a relevância está na experimentação de ações possíveis, diante da realidade vivida na escola pública, as quais querem estimular os jovens para atingir os objetivos aqui propostos. Duarte Junior (2005), diz que qualquer processo educativo, precisa ter como horizonte, os caminhos que levam o indivíduo ao conhecimento e a maneira como lidará com esse conhecimento na sua vida cotidiana. A relevância está no processo educativo que o levará à uma conscientização social.

O período de pesquisa foi de abril a novembro de 2015. De abril a junho, foram aplicados os jogos teatrais e as improvisações. Em julho e agosto foram abordadas a história do teatro e a dramaturgia. De setembro a novembro, foi feita a criação de cenas teatrais, culminando com uma mostra de teatro.

O artigo foi dividido em três seções sendo que, no Primeiro Sinal falo dos Jogos Teatrais e Improvisações. Os jogos são uma espécie de desenvolvimento criativo nos quais o aluno vai se apropriando da linguagem teatral de forma lúdica. No Segundo Sinal, propus o conhecimento teórico: a história do teatro. De forma sucinta, fiz uma breve apresentação sobre o teatro primitivo, enquanto manifestação espontânea. Passamos pela Grécia, considerada berço do teatro ocidental e, por fim, o Teatro Brasileiro, desde a chegada dos portugueses até o Século XX. O Terceiro Sinal refere-se à apreciação de dois espetáculos profissionais e a Mostra de Teatro na escola.

O título O Terceiro Sinal vem da tradição teatral em dar três sinais antes de começar o espetáculo. Essa tradição remonta do século XVII, na corte de Luís XIV. Segundo historiadores, Molière, para atrair a atenção do público, dava uma pancada no chão para avisar que o Rei estava chegando. Duas pancadas, porque o Rei já se encontrava no teatro. E a

terceira pancada significava que o Rei já estava pronto para assistir ao espetáculo.<sup>1</sup> Esta é uma das versões.

A justificativa do título é pensar que, ao terceiro sinal, o aluno estará preparado para assistir ao espetáculo com mais propriedade e maturidade, estando habilitado a fazer uma leitura crítica.

### **Primeiro Sinal - Jogos Teatrais**

A ideia de iniciar pela prática dos jogos teatrais respondia ao entusiasmo de uma turma que teve uma reação bastante positiva, quando anunciei a proposta de trabalho com teatro para o ano letivo de 2015. Como afirma Spolin (2005, p. 4), “o jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência”.

Percebi que a empolgação da turma estava na possibilidade de se fazer uma peça teatral completa. E a sugestão veio logo com Romeu e Julieta. Vi ali um ótimo caminho para fazer uma introdução ao processo de trabalho necessário do teatro. Falamos sobre o enredo da peça, as relações de poder, o poder do amor, os caminhos possíveis para se conquistar algo e os alunos sugeriram um final diferente para a peça, já que eles não se conformavam com a morte. Conversamos sobre as escolhas do autor, e concluímos que se tratava de um final impactante, para fortalecer o discurso do poder nas relações. Afinal, as famílias se arrependeram das inimizades. Um final feliz, da forma como queriam, não contemplaria o discurso proposto e poderia comprometer o entendimento da obra.

Expliquei que, antes de chegarmos a uma encenação, passaríamos por alguns processos importantes com jogos teatrais, improvisações e o conhecimento teórico da história do teatro e que o trabalho culminaria em uma mostra de teatro no final do ano. A ansiedade dos alunos em querer irem logo para o palco era visível, mas que se fazia necessário, como propõe Desgranges (2002), passarem por um procedimento metodológico para que eles fossem conhecendo e se apropriando dos signos teatrais.

O primeiro exercício proposto foi Exposição de Spolin (2005). Gosto muito desse exercício, porque é simples e faz uma leitura muito direta dos participantes. Formam-se dois grupos na sala, voltados um para o outro. Um está no palco<sup>2</sup> e o outro na plateia<sup>3</sup>. Pedi para o

---

<sup>1</sup> <https://sededecuriosidades.wordpress.com>. O site traz uma das versões sobre os três sinais.

<sup>2</sup> O conceito de palco foi estabelecido como espaço possível em sala de aula. Determinamos esse espaço para servir de referência para o aluno, já que em sala de aula não há diferenças específicas.

<sup>3</sup> O conceito de plateia foi estabelecido para diferenciar do palco, considerando que na sala de aula não temos espaços definidos como num teatro.

grupo que estava na plateia apenas observar o grupo que estava no palco, enquanto os alunos que estavam no palco, não faziam nada, apenas se deixavam observar. Logo no início, percebemos o constrangimento de muitos que estavam sendo observados. Alguns alunos da plateia começaram a fazer comentários. Pedi que não o fizessem e que apenas observassem. À medida que o constrangimento foi aumentando, a ponto de alguns quererem desistir, pedi que observassem a sala, as paredes, o ambiente como um todo. Fizeram isso com certa rapidez, pois o constrangimento ainda continuava. Pedi então que observassem as sujeiras das paredes, os buracos, pensassem como aquilo tinha acontecido e como poderia ser resolvido. Alguns começaram a falar mostrando as sujeiras, os buracos, etc. Pedi que fizessem as observações de forma silenciosa. Alguns riram, outros se mantiveram sérios, concentrados. Passado alguns minutos, começaram a pedir para parar. Finalizei o exercício e pedi para virem para a plateia. Saíram aliviados, uns rindo, outros comentando que não aguentavam mais ou achando o exercício chato. Sentaram na plateia.

Pedi ao grupo que estava na plateia para ir para o palco. Dei as mesmas instruções. As reações foram muito parecidas. Finalizado o exercício, fizemos uma roda de conversa para avaliar o trabalho.

Os estudantes disseram que não gostaram de serem observados. Perguntei o motivo de se sentirem envergonhados. Responderam que as pessoas olham e colocam defeitos neles. Alguns alunos disseram sentir-se à vontade, que não se incomodaram com a observação dos outros. Perguntei o porquê da descontração e por que não se incomodavam. Responderam que não davam importância se estavam sendo observados ou não, isso não os incomodava. Perguntei ao grupo o que era mais confortável: observar ou ser observado? A maioria disse que era observar, apenas alguns alunos afirmaram gostar dos dois. Perguntei como é estar na plateia observando e o que chamou mais a atenção deles. Responderam que acharam engraçado a vergonha de alguns fazendo caretas, sem saber onde colocar as mãos. Outra questão que coloquei para o grupo foi se houve mudança no seu desconforto, quando começaram a observar o espaço da sala, os buracos, as lâmpadas etc. Responderam que sim. Alguns disseram diminuir o desconforto, e outros disseram que continuaram incomodados.

Expliquei a eles o que Spolin (2005), chama de ponto de concentração. À medida que nos concentramos em algo no palco, deixamos de nos sentir observados, pois estamos fazendo algo e não preocupados com quem está olhando. Além disso, mantendo a concentração, acreditamos no que estamos fazendo e, conseqüentemente, isso leva o espectador a acreditar na ação. É considerado a força propulsora do método.



Na aula seguinte, continuamos com alguns jogos simples, como caminhar pelo espaço. Andar pela sala, observar o andar, observar o espaço, observar o outro, cruzar os olhares. Na sequência propus caminhar com dor nas costas, nos joelhos, nos pés. Terceira variação foi caminhar na água, na lama, na areia, em cascas de ovos, em cima de pedras. Depois caminharam no frio, frio com chuva, na neve e no calor. Esse exercício tem muitas variações e minha escolha foi por atividades mais simples e individuais para desenvolver a concentração. Spolin (2005) desenvolve esses exercícios na quinta sessão do seu livro “Improvisação para o Teatro” e propõe essa atividade primeiramente como relaxamento e para desenvolver o que ela chama de “substância do espaço” que, utilizado com frequência, “... mais perfeitos serão os alunos-atores na criação e construção de objetos “a partir do nada” e em “deixar as coisas acontecerem” (2005, p. 73).

Estas atividades quase sempre eram desenvolvidas com muitas brincadeiras, sem concentração nos comandos. O tocar o outro, mexer com o outro, às vezes como provocação mesmo, era constante. As brincadeiras podem ser uma defesa do indivíduo frente ao outro no momento de exposição. O fazer graça da situação tira o peso dessa exposição, pois tira o foco do seu eu. Spolin (2005), fala da experiência inicial de um jovem no teatro. Trabalhar em grupo dá uma certa segurança, pois tem o apoio do outro. Por outro lado, a exposição, que sempre é confundida com exibicionismo por muitos, acaba isolando esse jovem. Ryngaert (2009), menciona a relação do teatro com o campo terapêutico. Considera natural essa relação pois estimula a experiência sensível, a experiência artística e sua relação com o mundo.

Na avaliação final, alguns alunos acharam os exercícios divertidos, sentindo realmente as sensações propostas. Outros alunos disseram que conseguiram se concentrar na parte inicial, mas na sequência não conseguiam se sentir nos ambientes propostos. Outros disseram não ter gostado dos exercícios, pois se sentiram “ridículos”. A observação que fiz é que devemos primeiramente nos permitir “brincar” com situações propostas e lembrei os da aula passada do ponto de concentração. Quando focamos em algo, nossa autocrítica diminui. Mas, é necessário se permitir e se concentrar nas suas ações para que o jogo aconteça. Alguns alunos apresentaram resistência às atividades porque não se permitiram vivenciar o jogo. Spolin (2005), evidencia a necessidade do aluno em trabalhar o ponto de concentração. Caso contrário, ele nunca alcançará a capacidade de improvisar. Precisa ter a vontade de jogar para perceber e interagir com o ambiente e com o outro. Japiassu (2003, p.20), reafirma que a base do jogo é “a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema”.

Na aula seguinte, passamos para as atividades de expressão corporal com mímicas. Esses jogos são sempre bem-vindos, pois são descontraídos, leves e buscam introduzir uma consciência corporal e sempre fazem muito sucesso na escola, pois é estimulado pela competição. “A competição natural, é parte orgânica de toda atividade de grupo e propicia tensão e relaxamento de forma a manter o indivíduo intacto enquanto joga” (SPOLIN, 2005, p. 10).

Divididos em dois grupos, iniciamos o jogo de mímicas, primeiramente com profissões, o que foi relativamente fácil para eles. Depois para emoções e por fim, nomes de filmes. As regras eram: um minuto para cada aluno se apresentar. Não poderiam apontar para objetos da sala. Teriam que representar o objeto. O aluno só poderia participar pela segunda vez, depois que todos do grupo já tivessem participado. Passei algumas dicas como: mostre quantas palavras tem o nome do filme, mostre qual palavra você fará, indique se está mais ou menos no caminho. Discutidas as regras, passamos ao jogo.

Inicialmente, percebi que alguns não queriam participar. Pressionados pelo grupo, alguns cediam, outros se recusavam. Não pressionei, pedi para escolherem outras pessoas. Por ser uma competição, havia muita pressão. Apresentaram algumas dificuldades na representação. Quando tentavam mostrar uma maçã, apenas colhiam a maçã e comiam. Esse gesto era repetido de forma displicente o tempo todo. O jogador ficou irritado porque o grupo não adivinhava, pois para ele parecia óbvio, enquanto o grupo reclamava dessa repetição que não parecia ter sentido. Ao invés de se fazer outros gestos para mostrar a maçã, o aluno resolveu mostrar outra palavra e acabou incorrendo no mesmo erro.

Neste momento, parei o jogo e procurei explicar que a repetição de gestos, às vezes, não ajuda porque, neste caso, a fruta poderia ser qualquer uma e o grupo uma hora poderia acertar porque iria falar de várias frutas, e a maçã é uma fruta conhecida. Mas, se pensarmos na forma com que se pega a maçã na mão é diferente de outra fruta. A forma de colocar na boca e morder poderia sugerir de forma mais rápida a ideia de maçã. Mesmo uma cena simples como beber água, eles repetem a cena exaustivamente fazendo o movimento de levar o copo à boca. Todos compreendem que se está tomando algo, mas o quê? Claro que no jogo o grupo começa a sugerir várias coisas como vinho, refrigerante, etc., de forma que a água aparece logo, pois é algo comum a todos. Mas, não pensam que gestos feitos antes de beber a água poderiam levá-los a compreender a cena rapidamente. Essa consciência é que faz um simples jogo se transformar em jogo teatral. Mais do que a brincadeira em si que me leva a competir com o outro, o intento do jogo teatral é você passar por essas nuances de gestos enriquecendo a mise-en-scène e deixando a cena cada vez mais clara para o espectador.

Exemplo: Um aluno chega correndo, esbaforido, suado, mostrando que está com sede, procurando água. Abre a geladeira e toma um copo de água. O público vai sentir a água gelada escorrendo pela garganta. Quando demonstrei algumas cenas possíveis, perceberam a diferença entre as cenas, ou seja, a ação em si, presa apenas em um gesto e a ação contemplando o antes e o depois.

Em seus relatos, após o término das atividades que duraram três aulas, os alunos disseram ter se sentido pressionados pelo tempo e pelas pessoas. A meu ver essa relação está ligada ao aprovado/desaprovado, referente a um dos aspectos da espontaneidade que Spolin (2005), defende em seu livro “Improvisação para o Teatro”. Ela fala da busca pela liberdade pessoal, da sua relação com o ambiente, adquirindo autoconsciência e auto-expressão. Mas um simples movimento em relação ao ambiente causa interrupção, gerado pela necessidade de aprovação ou desaprovação de alguém. A dependência de que temos na aceitação do outro, no julgamento do outro, acaba paralisando nossa criatividade.

A partir daí resolvi inserir algumas orientações propostas por Viola Spolin (2005): As noções de Onde, Quem e O quê. Estas proposições são importantes porque direcionam os alunos para o jogo teatral de forma mais objetiva, pois inserem a criação de cenas e assim entramos numa relação direta com o fazer teatral. Propõem exercícios que direcionam o aluno para a descoberta do espaço físico e a percepção dos diferentes espaços. Como posso mostrar para o público onde estou sem deixar dúvidas? O Quem traz a percepção humana. “Quem eu sou?” é uma pergunta que quase sempre pensamos bem antes de responder. E “o que estou fazendo?” é o que move a cena. Se estou em algum lugar, pressupõe que tenho algo a fazer. A proposta foi continuar com mímicas. Os exercícios de Onde, Quem e O quê, tinham que ser trabalhados inicialmente com gestos e depois com texto.

Nos exercícios de Onde, os alunos mostraram o lugar de forma muito simples, sem o cuidado de estabelecer as diferenças necessárias para identificarmos os espaços. Andavam por cima dos móveis, as saídas de portas eram sempre diferentes, não delimitavam o espaço, ou seja, muitas informações desconstruídas. Depois desta primeira improvisação, sentamos para avaliar os trabalhos e os ambientes propostos por eles. Fizeram a análise de que não se preocuparam com os elementos que compõem o ambiente. Fizeram a cena, preocupados com a história e não valorizaram o espaço. Exercícios como esses vão evoluindo à medida que vai se praticando. É natural que o aluno não valorize os elementos da cena, pois ainda não percebe a importância que eles têm. Fazemos isso naturalmente no nosso cotidiano, mas no teatro isso tem que ser incorporado aos poucos.

Na aula seguinte, repetimos o exercício e percebi um cuidado maior com o espaço, mas ainda não foi o suficiente para compreendermos com clareza o espaço proposto. Repetimos a mesma cena, agora com a fala. A improvisação com um texto deixou os alunos mais soltos, no entanto o foco ficou na história, esquecendo um pouco a demonstração do espaço. Dos cinco grupos, apenas um demonstrou consciência espacial. Na avaliação pedi para um grupo comentar a apresentação do outro. Foram identificando as deficiências do espaço físico, pontuando a falta de clareza na história, a falta de concentração e o comprometimento com o trabalho em si. Na auto-avaliação comentaram que a maior dificuldade era o comprometimento do grupo. Alguns alunos não faziam o que havia sido combinado, ficavam rindo, perdidos em cena e o trabalho não fluía. Os que riram na cena justificaram que a história não tinha sido combinada direito e eles não sabiam o que fazer. De repente começa um bate-boca e um jogo de acusações. Um tentando desmentir o outro.

Controlados os ânimos, voltamos para as análises do trabalho. Minha intervenção foi falar do jogo enquanto ação espontânea. Viola Spolin (2005, p. 4), fala que “as habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer...”. Esclareço que, numa improvisação, o grupo apenas desenvolve um roteiro com focos de abordagens sobre o tema e o restante é criado na hora. É um bate-bola em que me permito e permito ao outro propor, mas todos têm que saber aonde se pretende chegar, caso contrário, o grupo se perde e não acha mais o caminho de volta, e a improvisação vai se alongando e tornando-se enfadonha para quem assiste. Temos que ter consciência das ações. O objetivo de um jogo é propor desafios e para conseguir solucioná-los são necessários envolvimento e comprometimento, focando em suas capacidades de expressão. O mais importante não é o produto final, mas o crescimento gradual de suas possibilidades expressivas.

Passamos então para “O quê” que são ações cotidianas. Em muitas ações, nem pensamos muito para realizá-las. Mas, no teatro tem que ser ações conscientes. Fizemos algumas brincadeiras de mímica com ações como: plantando flores, lavando louça, fritando ovo, batendo bolo, colocando roupas no varal, limpando vidro, cortando cabelo, trocando pneu, apenas como aquecimento para o jogo. Esse jogo foi importante, pois mostrou com clareza a ação. Em seguida, trabalhei uma das propostas de Spolin (2005), no jogo “Que horas são?”. O objetivo era perceber de que maneira cada aluno resolveria o desafio de mostrar as horas. Dos 22 alunos presentes, a maioria mostrou ações rotineiras como acordar, almoçar, dormir, chegar ao trabalho ou à escola. Ações que por si só já remetem às horas estabelecidas ou próximas. Alguns alunos improvisaram sem a preocupação com a ação em si. Começaram

a cena dizendo as horas e finalizando-a na sequência. Não interferi em nenhuma das apresentações. A exceção foi a apresentação de quatro alunos que mostraram cenas um pouco mais elaboradas. Uma aluna estava assistindo ao Jornal Nacional e sentindo muito sono. Assim que termina o programa, ela vai dormir. Outro aluno se levantou, tomou banho e saiu para pegar um ônibus, chegou ao trabalho, fez seu serviço e saiu para almoçar. Esse trabalho deixou dúvidas sobre qual era a hora exata, mas foi rico em detalhes. Outros dois trabalhos também foram mais específicos, mas deixaram dúvidas sobre o horário exato. Finalizada a atividade, pontuei que o desafio do jogo estava exatamente em você ilustrar a cena levando o público a pensar na hora em que isto estava ocorrendo. Quando damos rapidamente a resposta ao público, automaticamente perde-se o interesse pela cena. Não há mais expectativa para o que vai acontecer. A cena está resolvida. Mas, quando levamos o público a racionar junto com a cena, cria-se a expectativa de como vai acabar. Isso é que faz o jogo cênico se tornar atraente. Somos movidos por esses desafios.

Na aula seguinte trabalhamos em grupos. Para cada um informei a hora que deveria ser encenada. O detalhe é que todos receberam a mesma hora. Estipulei 5 minutos para organização e então iniciáramos as apresentações. A hora escolhida foi 16h30min. O primeiro grupo apresentou uma cena de consulta médica marcada para esse horário. Arrumaram-se e foram ao médico. A atendente recebe-os com elogios à pontualidade da hora. O segundo grupo mostra uma cena de almoço em família. A cena começa com as pessoas chegando, trazendo bebidas e comidas. Na conversa alguém diz que o almoço só vai ser servido por volta das 16h30min. Há reclamações e a conversa continua. Mais tarde alguém diz que o almoço será servido. O público deduz que já são 16h30min. Os outros dois grupos fizeram improvisações rápidas mostrando a hora já no início da cena. Não houve o desenvolvimento da ação.

Reunimos o grupo para uma avaliação. Disseram que a princípio não sabiam o que fazer. Lembrei-os dos desafios e a busca por soluções. Se desse algo simples, não seria um desafio. Perguntei sobre as dificuldades que tiveram. Os dois grupos, que fizeram improvisações rápidas e sem desenvolver as ações, falaram sobre a falta de comprometimento do grupo. Os dois outros grupos disseram que foi desafiador pensar em ações que identificassem a hora proposta, mas que acharam que conseguiram fazer uma boa apresentação. De fato, fizeram uma boa apresentação. Comentei que o grupo que apresentou a clínica médica construiu uma boa ação e apenas o final poderia ser mais trabalhado para não dizer a hora de forma tão óbvia. O segundo grupo foi mais feliz na apresentação, criando também uma boa ação e tiveram uma boa solução para definir a hora. Justifiquei a escolha de

16h30min por não ter nenhuma atividade específica neste horário. O desafio estava aí. Fiz a pergunta que Spolin (2005, p. 97), faz em sua obra: “É possível mostrar a hora do dia, sem usar nossos padrões de referências culturais? Temos esses padrões estabelecidos a partir do horário de trabalho de 8h às 18h ou horário escolar. Convencionou-se o horário de almoço às 12h, por exemplo, café da tarde às 15h, jantar às 19h. São as convenções estabelecidas. Mas será que todos nós seguimos esses padrões? A resposta foi não. Cada um tem seu tempo para almoçar ou jantar a hora que quiser. Por isso, num jogo cênico, precisamos nos despir das convenções para poder desenvolver a cena e pensar de outra maneira, como fizeram alguns grupos.

Passamos ao exercício do “Quem”. Aqui propus um jogo cênico a partir de um texto com frases aleatórias. Junto com o jogo do “Quem”, acrescentamos o “Onde” e “O quê”, para dar melhor suporte aos alunos. Este texto, que recebi em uma oficina de teatro que fiz há muitos anos atrás, é uma boa tática para determinar os três elementos propostos por Viola Spolin e desafiar a criatividade dos alunos, impondo uma condição da qual eles teriam que criar estratégias para resolver. As regras foram as seguintes: não poderiam mudar a ordem do texto; não poderiam tirar ou acrescentar palavras; foi permitida a divisão das frases.

“Até agora nada  
 E o pior é isso  
 Oi Oi  
 Aaaahhh  
 Sabe  
 Eu às vezes não sei se  
 Você sabe  
 Sim  
 Nada  
 Poxa Paulo  
 Eu acho que você está exagerando  
 Eu não quero nem saber  
 Vai dizer que não sabia  
 Mentira sua  
 Ahhhh  
 Tenho umas coisas aí Droga  
 E aí acabou  
 Eu nunca acerto”<sup>4</sup>

No primeiro momento, os alunos estranharam o texto. Disseram que aquilo não fazia sentido. Expliquei que a proposta era exatamente essa. Que eles dessem sentido àquele texto.

---

<sup>4</sup> Texto utilizado nas aulas práticas do Curso Livre de Teatro da UFBA, ministrado pelo Prof. Paulo Cunha. Turma de 2003.

Lendo apenas como estava, parecia realmente não ter nada a ver com nada, mas que cabia a eles estudar o texto para criar uma cena que fosse possível compreendê-lo. O jogo seria mostrar para a plateia quem eram eles, onde estavam e o que estavam fazendo. Teriam 10 minutos para organizar a apresentação. Passados os 10 minutos, nenhum grupo estava pronto. Levaram uma aula inteira de 50 minutos para se organizarem. A apresentação ficou para a próxima aula.

Na aula seguinte, pediram mais uns minutos para se reorganizarem. Nas apresentações, nenhum grupo conseguiu definir com clareza as situações do “Onde”, “O que” e “Quem”. Fizemos uma avaliação e pedi para que um grupo avaliasse o outro. Todos avaliaram negativamente dizendo não ter entendido a cena. Nenhum grupo conseguiu articular de fato uma dramatização a partir do texto proposto. As reclamações se sucederam, muitos afirmaram que não tinham como fazer nada com o texto e que eu deveria permitir ajustar as falas. Indaguei sobre o motivo de todos os grupos partirem da ideia de serem amigos. Segundo, que todos marcaram um encontro. Alguém está atrasado em todas as apresentações. Responderam que, no texto, alguém questionava sobre o atraso. Estavam se referindo às primeiras falas do texto “Até agora nada; e o pior é isso; oi; oi”. Essa sequência levou-os a pensar desta forma. Provoquei-os com a seguinte cena: Imaginem alguém fazendo uma experiência científica para a aula de Ciências. Colocaram em funcionamento a experiência e ficaram esperando acontecer algo. Uma das pessoas impacientes comenta: “até agora nada e o outro olhando para o relógio, responde: e o pior é isso, ou seja, o tempo está passando”. Alguém se aproxima e cumprimenta com um “Oi” e outro responde “Oi”.

Achei oportuno ilustrar essa cena para fazer com que os alunos percebessem que eles estavam olhando o texto com apenas uma perspectiva. A partir daquele texto, muitas outras possibilidades poderiam ser consideradas. Também poderiam dividir o grupo e fazer conversas paralelas. Uma dupla ao telefone conversando e outra dupla à parte com outra conversa. Poderiam pensar em outros tipos de personagens que não fossem adolescentes ou estudantes apenas, mas os vários tipos humanos e as várias relações familiares. Como diz Ryngaert (2009, p. 122), “[...] estimo que esse grupo deva superar as convenções narrativas e que pontos de partida diferentes poderiam levá-lo a trabalhos mais originais”. Essa provocação é necessária, segundo o autor, para evitarmos modelos culturais tradicionais, possibilitando novas leituras e “que façam referência, o mais possível, à escritura teatral contemporânea” (2009, p. 123).

Pensando em novas narrativas, preferi insistir no mesmo trabalho, agora com uma nova perspectiva depois da conversa da aula anterior. Pedi então que criassem uma nova cena.

Na avaliação percebemos que as cenas ficaram melhores, mas ainda sem muita clareza do onde e o que estavam fazendo. Dois grupos continuaram com cenas muito parecidas com as anteriores. Outro grupo acabou usando a ilustração que dei, mas não conseguiu desenvolver o restante da cena. E outro grupo que mostrou um ponto de ônibus com duas pessoas reclamando do transporte e outros dois ao celular. A ideia foi boa, mas faltou organização nas falas, dificultando o entendimento do texto. Passei essa percepção para eles. Continuaram dizendo que o texto era difícil. Resolvi então liberar o complemento do texto. Manteriam a sequência, mas poderiam incorporar novas palavras. Ficamos de apresentar na aula seguinte. O que não aconteceu, pois houve nova paralisação na rede municipal, interrompendo o trabalho. Já havia acontecido algumas paralisações no mês de maio, mas que não afetaram tanto o andamento do trabalho. Mas, neste trabalho estava atrapalhando, pois, o jogo de improvisação tinha que ser mais bem elaborado. Estávamos buscando uma evolução na cena, já que havíamos incorporado o elemento dramático com um roteiro pré-estabelecido e com certo grau de complexidade.

Retornamos uma semana depois, revisando nossa conversa anterior para que se lembrassem das intervenções feitas por mim. Novamente utilizaram a aula inteira para organizar as cenas. Aproveitando que a apresentação seria somente na aula seguinte, pedi que pensassem no figurino e possíveis adereços de cena. Achei oportuno acrescentar esses elementos, pois já não haveria mais tempo para trabalharmos novas improvisações. O semestre letivo já estava finalizando. No dia da apresentação, apenas um grupo lembrou-se do figurino e dois grupos trouxeram algum tipo de adereço. Organizamos a sala de aula, dividindo bem os espaços da plateia e do palco.

As apresentações ficaram aquém do esperado. Esperava uma sensível evolução nas apresentações. Acredito que faltou maior comprometimento com o trabalho. Alteraram muito pouco o texto. Na verdade, não houve ensaios. As cenas foram visivelmente improvisadas.

Quando iniciamos a conversa, pedi para que eles se manifestassem sobre o trabalho. Alguns disseram que as apresentações ficaram “horribéis”. Começaram a discutir revelando a falta de organização e de participação do elenco. A história se repetia. Fizeram acusações mútuas e não avaliavam o trabalho. Interferi dizendo que não era para isso que estávamos ali e que deveríamos conversar sobre o resultado. Após as análises, cada um poderia dizer o que faltou fazer para melhorar. Uma aluna disse que a apresentação de seu grupo ficou “ridícula” porque não houve organização. Apenas pensaram na hora o que iriam fazer e por isso não funcionou. Outro aluno também reclamou de sua equipe dizendo que ele chamou as pessoas para ensaiarem, mas que a maioria não se comprometeu em fazer. Fizeram uma improvisação



em cima da hora. Apenas um grupo disse que tinha proposta, mas que faltou ensaio. Ou seja, também improvisaram.

A minha frustração era visível. Esperava mais dos grupos. Tivemos muitas interrupções nos dias de aulas que atrapalharam muito o andamento das atividades, mas penso que faltou comprometimento da turma. A palavra era essa: comprometimento. Cabe ressaltar a definição de Slade sobre o objetivo do jogo dramático (1978, apud Koudela, 1984, p. 22): “O valor máximo da atividade é a espontaneidade, a ser atingida através da absorção e sinceridade durante a realização do jogo”. Compreendo todas as dificuldades que um grupo possa ter nas encenações, mas as apresentações ficaram muito aquém do esperado. Perguntei por que não complementaram o texto como haviam pedido? A resposta estava na falta de organização dos grupos a que nos referimos anteriormente. Lembrei os da primeira aula quando falei do projeto e eles queriam apresentar Romeu e Julieta. Disse que teríamos que passar por um processo de aprendizagem para poder assumir um trabalho como esse. Sempre digo para meus alunos que Arte é mais difícil que Matemática e eles sempre riem desta minha afirmação. Explico que a Matemática é uma ciência exata. Basta você aplicar a fórmula correta que você chegará ao resultado. Aliás, todos naquela sala se aplicarem a fórmula certa, chegarão ao mesmo resultado. Quanto à Arte, isso já não é possível. Precisa ter autonomia. Quem cria a fórmula é você mesmo. E quando um colega vai pelo mesmo caminho que você, ainda assim, poderá obter resultados diferentes. A exposição a que nos referimos no teatro não é só estar à frente de um palco. Para estar à frente de um palco é porque você tem algo a dizer. E para você ter a atenção das pessoas, você precisa dizer algo que seja interessante, que desperte a curiosidade das pessoas. É essa exposição à que me refiro. E o jogo é o caminho a trilhar para desenvolver nossas habilidades expressivas. Segundo Spolin (2005, p. 5), “a capacidade pessoal para se envolver com os problemas do jogo e o esforço despendido para lidar com os múltiplos estímulos que ele provoca, determinam a extensão desse crescimento”.

Com este exercício finalizamos as atividades com jogos teatrais. Se houvesse mais tempo desenvolveríamos mais improvisações. Seria bastante enriquecedor. Mas, diante de um cronograma apertado, não foi possível em função das interrupções de aulas na rede municipal.

## **Segundo Sinal – História do Teatro**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 90), propõem “Conhecer e distinguir diferentes momentos da História do Teatro, os aspectos estéticos predominantes, a tradição

dos estilos e a presença dessa tradição na produção teatral contemporânea”. Sugerida como uma das diretrizes dos PCNs, esse objetivo evidencia a relevância do conhecimento da História do Teatro como importante instrumento de conhecimento para se fazer uma leitura teatral mais crítica. A partir deste viés, propus-me a compartilhar com o grupo um panorama que ia desde o teatro primitivo, passando pela Grécia antiga e finalizando com Teatro Brasileiro. Meu objetivo principal foi abordar o teatro brasileiro, mas achei oportuno mostrar as origens do teatro ocidental. Por isso abordei o Teatro Primitivo enquanto manifestação espontânea e o Teatro Grego enquanto referencial ocidental de carpintaria.

Esse processo, que teve uma duração de 10 aulas, proporcionou alguns bons debates. As aulas foram expositivas, ilustradas com alguns vídeos. Os vídeos ajudaram na compreensão dos conteúdos e permitiram alguns bons debates. Sobre o teatro brasileiro pudemos fazer algumas discussões interessantes sobre a situação política do Brasil na década de 60, século XX. Conversamos também sobre releituras de peças teatrais, como *Gota D'água* de Chico Buarque e *Medéia* de Eurípides.

Expliquei que o teatro tinha uma longa história, que era tão velho quanto à humanidade. Podemos falar de teatro desde os povos primitivos. Se, naquela época o teatro não era visto como hoje, percebemos que a representação faz parte da condição humana. Se os povos primitivos não dominavam a fala, então o teatro era uma solução na hora de relatar os acontecimentos diante de uma caçada. É provável que a mímica seja a primeira manifestação artística relacionada ao teatro. Comunicar-se através de gestos era uma condição do homem primata. Através de rituais de caças, o homem já se utilizava desta técnica. “A forma e o conteúdo da expressão teatral são condicionados pelas necessidades da vida e pelas concepções religiosas” (Berthold, 2000, p. 02). Isso evidencia o fato do teatro ser tratado como um impulso natural do homem na sua relação com a natureza. O teatro está intimamente ligado à sua rotina cotidiana. Responde a uma necessidade do seu dia a dia. As danças, os rituais, as procissões sempre ligadas a magias. A relação do homem com o divino vai permear o universo teatral. Toda a história do teatro desde os primitivos até chegar a Grécia antiga, trazem informações que, mesmo desconstruídas, perpassam pela religião.

Chegando à Grécia veem as mudanças pontuais. Do culto ao teatro. Dos ditirambos, passando por Téspis na criação do primeiro ator até chegar a Ésquilo, que formaliza um padrão para todo sempre, a Grécia antiga se consolida como berço do teatro. A tragédia e a comédia tornaram-se referências de dramaturgia até os dias de hoje. A simbologia das máscaras, que é um importante elemento cênico, tem origem nos rituais primitivos. A arquitetura do espaço cênico, com arrojada técnica acústica, possibilitou que milhares de

pessoas pudessem assistir aos festivais. Assim ficam claras as mudanças propostas pelos gregos e porque a Grécia é considerada o berço do teatro ocidental.

Passamos então ao Teatro Brasileiro. Foi importante a compreensão de como os jesuítas utilizaram o teatro como instrumento pedagógico para catequizar os índios. Os índios já tinham uma inclinação pelas artes. O teatro, no modelo europeu, foi trazido pelos jesuítas que também tinham grande influência da literatura. Padre Anchieta escreveu vários autos sacramentais e que foram apresentados em várias regiões do país. Percebe-se novamente a utilidade da arte no cotidiano das civilizações.

Após essa introdução sobre o teatro no Brasil, fiz um pequeno resumo em 200 anos de história nos séculos XIX e XX. Sobre a chegada da família real portuguesa, passando por João Caetano, Machado de Assis, Aluisio de Azevedo, Arthur Azevedo. Sobre as construções de grandes teatros inspirados nos modelos europeus como o Teatro Amazonas, Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Theatro Municipal de São Paulo. Sobre o aparecimento de diretores europeus, refugiados da guerra e que trouxeram grandes conhecimentos sobre as técnicas e ajudaram na evolução do cenário teatral brasileiro. Sobre o fortalecimento de grandes companhias como o Grupo Universitário de Teatro fundado por Décio de Almeida Prado, Grupo de Teatro Experimental por Alfredo Mesquita, TBC – Teatro Brasileiro de Comédia de Franco Zampari, Teatro de Arena com Augusto Boal e Teatro Oficina de José Celso Martinez Correia, entre tantos outros grupos, companhias e atores que foram se destacando ao longo dos tempos. Este pequeno resumo foi para traçar um panorama de como o teatro brasileiro foi se profissionalizando em meio a tantos acontecimentos sociais, e como o teatro passou a ser importante instrumento de protesto e de reivindicação. A utilidade do teatro era dar voz a todas as opressões vividas pelos cidadãos.

Longe de atingir toda a amplitude que a história do teatro nos permite, neste projeto o objetivo foi trazer informações básicas para alunos que tinham muito pouco conhecimento sobre o assunto. Focamos numa abordagem do teatro com discurso mais político do que estético. O engajamento foi necessário para estimular seus discursos, pensando nas possíveis montagens teatrais que fariam.

## **Dramaturgia**

O estudo dramaturgico teve a finalidade de compreender a estrutura de um texto e pontuar os elementos teatrais. Como afirma Desgranges (2002, p. 32), a apropriação da

linguagem teatral permite ao aluno ter mais autonomia na leitura que faz de um “fato narrado”. Essa autonomia lhe permite dialogar com a obra e assim formar seu ponto de vista.

Iniciei esse tema com a leitura de um capítulo de “O Pagador de Promessas” de Dias Gomes. A peça escolhida foi para privilegiar a dramaturgia brasileira e revelar para essa nova geração os grandes autores. A cena escolhida refere-se ao segundo ato em que Zé do Burro fala com o padre sobre o cumprimento de sua promessa que é levar a cruz até o altar em obrigação a Santa Bárbara.

Antes de lermos a cena, fiz uma introdução sobre o tema e um resumo da história. Os personagens que aparecem nesta cena são Zé do Burro, Sacristão, Padre e Bonitão. Fizemos duas vezes a leitura com elencos diferentes. Primeiro, para mais alunos poderem ler, e segundo para compreenderem melhor a cena. A segunda leitura possibilitou uma percepção melhor dos detalhes.

A partir desta leitura, propus um pequeno debate. Alguns alunos, por exemplo, não sabiam o que era protagonista. Perguntei o posicionamento de cada personagem sobre o conflito apresentado. O debate ficou centrado principalmente sobre o Padre e Zé do Burro que são os personagens centrais. Houve uma discussão mais acalorada sobre religião, entre a Igreja Católica e o Candomblé. Apesar de o candomblé ser bastante popular em Salvador, há preconceito por parte de algumas igrejas, o que fez com que alguns alunos concordassem com a decisão do padre. Propus também uma discussão sobre cenário e figurino. Houve muitas opiniões, mas prevaleceu o conceito de um cenário e figurinos mais realistas, o que é natural, pois não dominam ainda a linguagem teatral para compreender as opções cênicas possíveis.

Na sequência assistimos a uma cena de Terça Insana no quadro “Como educar seu filho na favela”<sup>5</sup>, de Luís Miranda. Curtiram muito. Pediram, inclusive, para repetir. Houve uma identificação com a cena. Uma trama mais próxima à realidade deles. Perceberam a semelhança com pessoas do seu entorno. A roupa mais fechada, mais “comportada” lembrando as mulheres religiosas do bairro. Os peitos e as nádegas grandes, lembrando muitas mulheres negras com esses dotes, pois Miranda coloca enchimentos, exagerando essas características físicas. Foi um ótimo exercício. “A especialização do espectador se efetiva na aquisição de conhecimentos de teatro, o prazer que ele experimenta em uma encenação intensifica-se com a apreensão da linguagem teatral” (DESGRANGES, 2002, p. 32).

---

<sup>5</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=VGwSQte79\\_U](https://www.youtube.com/watch?v=VGwSQte79_U)

### Terceiro sinal – Análise dos espetáculos



Figura 1 - Espetáculo Desastro. Fonte: [www.facebook.com/partiudesastro](http://www.facebook.com/partiudesastro) (2015)



Figura 2 – Espetáculo Entre Nós. Fonte: [www.facebook.com.entrenoscomedia](http://www.facebook.com.entrenoscomedia) (2105)

Nos meses de agosto e setembro, tivemos a oportunidade de assistir a dois espetáculos teatrais profissionais. Isso entusiasmou muito o grupo. O primeiro foi a peça *Desastro*<sup>6</sup> baseada na música Space Oddity de David Bowie, voltada para o público adolescente, com muitos efeitos tecnológicos como forma de dialogar com essa plateia. O espetáculo foi apresentado no Teatro Gregório de Matos. O segundo espetáculo foi *Entre Nós*<sup>7</sup>. A peça fala da diversidade sexual e aborda a homossexualidade masculina. Essa peça foi apresentada em nossa escola. Com esses dois trabalhos, os alunos puderam assistir a dois espetáculos com características bem diferentes. *Desastro* deu mais destaque aos elementos cênicos, como a sonoplastia, figurino, iluminação e adereços, os quais tiveram papéis relevantes na condução da trama. *Entre Nós* fez uma apresentação mais interativa com foco no texto, com poucos

<sup>6</sup> Concepção e direção: Neto Machado / Criação e performance: Bernardo Stumpf, Daniella Aguiar, Jorge Alencar, Jorge Oliveira e Neto Machado / Composição original e arranjo vocal: Yuri Alencar / Edição de som e trilha: Bernardo Stumpf / Concepção de Luz: Fábica Regina / Figurino: Elenco e Neto Machado / Artistas colaboradores nas residências: Elisabete Finger, Jorge Alencar, Leo França, Sandro Amaral e Thiago Granato / Uma coprodução: Expressão e Dimenti.

<sup>7</sup> Texto, direção, figurino e iluminação: João Sanches. Elenco: Igor Epifânio e Anderson Dy Souza. Trilha sonora ao vivo: Leonardo Bittencourt. Assistência de direção: Danilo Souto Pinho e Ricardo Fagundes. Cenário: Daniela Steele. Produção: Patrícia Rammos (Da Preta Produções). Assistência de Produção: Andréa Machado

recursos cênicos, mas relevantes. Com formatos cênicos diferenciados, as duas apresentações possibilitaram uma discussão importante sobre a estética teatral. Na primeira, fomos a um teatro. A segunda foi apresentada na escola. Isso também proporcionou aos alunos um olhar diferenciado sobre os espaços teatrais. Sobre a importância da espacialidade, Edélcio Mostaço diz que:

O espaço cênico pode integrar os espectadores na cena ou mantê-los apartados. Pode ainda ocorrer em meio aos espectadores ou, como sucede algumas vezes, ser estruturado no local dos espectadores adquirindo, nesses casos, forte convite à interação. (2006, n.d)

Vivenciar essas duas possibilidades espaciais foi importante para os alunos refletirem sobre essa receptividade.

### **Desastro**



Figura 3 – Bate papo da peça *Desastro*. Teatro Gregório de Matos. Fonte: acervo pessoal. (2015)

No dia 21 de agosto de 2015, fomos ao Teatro Gregório de Matos assistir ao espetáculo *Desastro*, que participava da programação do evento *Cena, Som e Fúria*. Produzida pelo Grupo Dimenti, com concepção e direção de Neto Machado, *Desastro* é um espetáculo que faz várias versões sobre a música *Space Oddity*. Os atores contam a história de um astronauta, que faz uma viagem espacial e acaba se perdendo no espaço. Pode-se dizer que o espetáculo é bastante performático. Fazendo recortes com trechos em versões musicais diferentes sobre a mesma música, a história vai sugerindo um olhar futurístico nas relações pessoais e das experiências vivenciadas pelo astronauta nessa viagem. Com muitos efeitos especiais, os figurinos e adereços têm grandes destaques. Esses elementos fazem por si a iluminação da peça. Com muitos objetos fosforescentes, o público jovem fica muito ligado nas cenas. Um dos pontos destacados pelos alunos, foi a ambientação. A maioria falou da sensação de estar numa viagem espacial, assinalando que o ambiente criado no teatro os levou

à essa impressão. Roupas futurísticas, objetos fosforescentes, sonoplastia com sons espaciais, foram os elementos citados nesta percepção. Em várias cenas eles tinham dúvidas sobre o entendimento. Com uma linguagem metafórica, o espetáculo mostrou cenas de pessoas doentes que eram curadas quando passavam uma espada luminosa pelo seu corpo. Outras cenas emblemáticas para os alunos foram: Uma personagem dando à luz e dela saíam bolas de luzes; e a de atores vomitando pequenos objetos luminosos. A curiosidade pela cena sobrepôs o nojo de ver alguém vomitando. Percebi a dificuldade dos alunos em perceberem a metáfora destas cenas. Como alguém podia dar à luz a bolas de luzes? No bate papo final, essa pergunta foi feita para os atores e um deles respondeu sobre o termo. Falou que “dar à luz” era dar vida a algo. Então o grupo pensou em como eles poderiam representar cenicamente esta ação e então veio a ideia de bolas de luzes. A mesma curiosidade dos alunos foi sobre os vômitos. E o grupo de atores respondeu sobre a escolha cênica para representar algo que nos incomode; a utilização da tecnologia criando efeitos cênicos e mais próximos do imaginário dos adolescentes. Desgranges fala isso quando diz que:

A tecnologia permitiu redimensionar o palco, iluminando a cena, inventando sonoridades, tonalidades, profundidades, multiplicando sensações. O palco, como nunca antes, torna-se capaz de levar ao espectador a ilusão de estar diante da própria vida. (2002, p. 92)

Considero a ambientação um importante elemento de aproximação da plateia porque percebi que os alunos tiveram muitas dúvidas sobre o entendimento do espetáculo como um todo, mas perceberam a ideia de estar no espaço e tudo que acontecia ali estava relacionado a uma viagem espacial. A atmosfera criada pela peça ajudou nessa compreensão. Outra característica da peça foi a quase ausência de texto narrativo. Os atores falaram muito pouco. Na conversa que tive com eles, apontaram essa questão como um problema para o entendimento da história. Questionei-os se, para entender uma ação, deveria ter texto narrado. A resposta foi não. Então, neste caso, devemos fazer o quê? Uma aluna respondeu que deveríamos analisar a ação e deduzir o que estava acontecendo. Resposta perfeita. Neste momento outra aluna lembrou da fala de um dos atores no bate-papo, quando alguém perguntou sobre a “mensagem” da peça. O ator respondeu que não havia uma mensagem específica. Que cada um deles deveriam tirar suas próprias conclusões sobre o espetáculo. Apesar de compreender a nossa conversa, percebi que os alunos não digeriram direito essa ideia de “cada um interpreta como quiser”.

As dificuldades apresentadas no entendimento de algumas cenas estão, talvez, relacionadas à falta de autonomia na interpretação, nas leituras possíveis. A falta de hábito

cria um estranhamento que pode desencadear um desinteresse. Desgranges (2002) fala que tanto o espectador, como um indivíduo diante dos acontecimentos cotidianos, precisa se afastar da obra, criar um certo distanciamento para poder analisar as circunstâncias. É natural que esses jovens tenham certa dificuldade de analisar algo, pois lhes faltam certas experiências.

Mas, efetivamente a estética do espetáculo foi o que mais chamou a atenção. Os efeitos visuais a partir de objetos simples como brinquedos, robôs, espadas e pisca-piscas, e as roupas remetendo a personagens de desenhos animados e heróis da tv. Todos esses elementos tiveram uma conexão com os alunos, pois em suas falas, fizeram referências a eles. Penso que houve a compreensão do espetáculo. O que necessita como fala Desgranges, é uma “atitude rítmica, criativa” (2002, p. 126), ou seja, imprimir um ritmo próprio.

### **Entre Nós**

*Entre Nós* é uma peça que fala da diversidade. É a história de dois atores que resolvem criar na hora uma história sobre dois jovens gays. Acabam enfrentando uma série de situações conflitantes e por vezes, engraçadas. A graça está nos conflitos dos próprios atores em representar situações do cotidiano gay. No final o público é solicitado para decidir sobre o destino dos personagens. Trata-se de um beijo. Os personagens terminam a peça com um beijo ou não?

A apresentação foi um sucesso na escola. Levamos os alunos do 8º e 9º anos. Foi apresentada numa sala de aula e mesmo o espaço sendo bastante limitado, isso não foi empecilho nem para os atores, nem para os alunos que se sentaram no chão. Participando muito da apresentação, os alunos se divertiram e se envolveram muito com as cenas. Na hora do “você decide”, a grande maioria optou pelo beijo. No bate-papo final, os atores avisaram que não responderiam perguntas pessoais. Achei importante essa observação, pois muitos alunos provavelmente iriam perguntar sobre a sexualidade dos atores. A discussão deveria ficar restrita ao espetáculo. Apesar de uma conversa rápida, os alunos disseram ter gostado muito do trabalho e que achava importante falar sobre a homossexualidade. Não concordam com a discriminação. O fundamental é respeitar o outro.

Na sala de aula voltamos a fazer o debate. Tive muita dificuldade em analisar, a princípio, a estética do espetáculo, devido ao acalorado debate sobre o tema. Alguns poucos alunos não gostaram da peça e muito menos do beijo entre dois homens. Respeitavam, mas não concordavam. Isso foi o suficiente para criar uma grande discussão. Em vários momentos,



tive que apaziguar os ânimos. Os prós e contra foram muito discutidos, inclusive com depoimentos de alunos revelando pessoas da família que “se assumiram”. No fim concordaram com a importância do espetáculo como propulsor do debate acerca da diversidade. Na aula seguinte conseguimos fazer um debate mais tranquilo. Os alunos estavam ainda muito impactados com a peça. Precisava haver um distanciamento da obra para poder analisá-la. Bakhtin (apud DESGRANGES, 2006), sugere que em um primeiro momento deve haver uma aproximação da obra por parte do público para vivenciá-la. Depois o público se distancia para fazer uma análise mais reflexiva da obra.

Fizemos, então, a avaliação técnica. Gostaram muito do trabalho, elogiando o desempenho dos atores. Sobre o espaço apresentado, a maioria disse que a apresentação ficaria melhor em um teatro, mas que o espaço apresentado não comprometeu a qualidade do trabalho. A proximidade dos atores com o público também foi considerada positiva. Acharam interessante a interação. É como se eles fizessem parte da cena. Quanto aos elementos teatrais, citaram a música e os figurinos. Acharam curiosa a participação ao vivo do músico que, por vezes, participava da cena. Os adereços utilizados pelos atores para se transformarem em outros personagens também foram citados. Acharam criativos, pois eram elementos do próprio figurino que se transformavam. A recepção deste espetáculo foi realmente surpreendente e positiva. O tema, apesar de polêmico, permitiu um debate bastante profícuo. A repercussão foi muito grande. Alunos de outras turmas, que não puderam assistir, pediram para que houvesse uma nova apresentação. Mas, infelizmente não foi possível.



Figuras 4 – Cena da peça.

Fonte: Acervo pessoal (2015)



Figura 5 – Alunos, professores e elenco.

Fonte: Acervo pessoal (2015)

## Montagem Teatral



Figura 6 – Cena da peça Conflitos do 9º ano no Teatro Gregório de Matos. Fonte: Acervo pessoal (2015)

A culminância desse projeto se deu através de uma mostra de teatro na Escola 2 de Julho. A turma do 9º ano se dividiu em dois grandes grupos. Um grupo com 11 alunos e outro com 12 alunos. Participaram também da mostra duas turmas do 8º ano. A participação das turmas do 8º ano foi importante para configurar a mostra de teatro.

Iniciamos o processo de montagem em meados de setembro. A apresentação foi marcada para o dia 06/11/2015. A proposta lançada para os grupos foi a de apresentarem uma cena teatral com duração de 15 minutos. Essa delimitação foi necessária, diante da quantidade de grupos, que ao todo foram nove. Ficaram livres para escolherem o tema, o estilo e a quantidade de atores participantes da cena. Neste trabalho, farei o relato apenas da turma do 9º ano por ser objeto da minha pesquisa.

Iniciamos o processo de escolha do texto. Foi um momento complicado para eles em função dos temas. Um dos grupos trouxe a ideia de falar sobre “bullying”. O grupo começou a escrever a história. O outro grupo ainda não sabia o que fazer. Em outra aula, o primeiro grupo já trouxe um esboço do texto sobre “bullying”. O segundo grupo ainda não tinha definido. Só foram trazer um texto na semana seguinte. Trouxeram um com tema religioso encontrado na internet. Propus que cada grupo fizesse leituras para irem aprimorando. O texto religioso era muito extenso e precisava de uma adaptação. Esse processo foi demorado porque nem todos participavam da produção. Havia muita dispersão. Houve também muita discordância. Como já estávamos em outubro, organizei com eles uma leitura dramática. Expliquei o procedimento e marquei para a semana seguinte as apresentações. Achei oportuno, pois precisava de um comprometimento maior dos grupos. E colocando uma meta, poderia agilizar o processo. O resultado foi positivo. Feita as leituras, entramos no processo de ensaio. Tínhamos três semanas para organizar as apresentações. A falta de espaço

atrapalhou um pouco, pois os grupos ensaiavam na mesma sala e o barulho era grande. Mas não tínhamos outra opção. Pedi paciência e organização por parte de cada um.

Faltando duas semanas, veio a surpresa. Os dois grupos resolveram mudar os temas. Levei um susto. Pensar que faltavam apenas duas semanas e haviam mudado tudo, me deixou muito tenso. Um aluno chegou e disse: “Professor não se preocupe, vai dar tudo certo. Já está tudo organizado na minha cabeça”. Na hora dei risada e falei que deveríamos tirar da cabeça e colocar no palco para podermos ver. Os dois grupos mostraram as cenas ainda improvisadas, e eu fiquei tranquilo. Os trabalhos que organizaram estavam bastante encaminhados. O grupo que iria fazer sobre “bullying” trocou por uma cena de conflito entre o bem e o mal. Uma cena bem performática. O segundo grupo trouxe uma cena religiosa na qual os fiéis tentavam convencer pessoas drogadas a se curarem. Partimos então para os ensaios, pois o tempo era curto. Fui organizando melhor as cenas. Definimos o cenário, os figurinos, a sonoplastia e adereços.

O título da peça sobre o bem e o mal era *Conflitos*. Uma jovem sentada no centro do palco era atormentada por pensamentos bons e ruins. Dois grupos de alunos representavam o conflito. Um grupo com roupas brancas e outro com roupas pretas. Em alguns momentos se enfrentavam. Aparece uma pessoa que vai até a garota e conversa com ela. Eles fazem uma oração e o mal é vencido.

O título da segunda peça era *A hora da fé*. Dois jovens a serviço de uma igreja estavam na rua convidando pessoas a entrarem na igreja. Um grupo de jovens alcoolizados e drogados é convidado. Entra na igreja debochando da situação. Quando inicia o culto, os integrantes fazem provocações à pastora. Com muita tranquilidade, ela vai respondendo a cada pergunta. Até que um dos jovens passa mal e fica se debatendo no chão. Com muita oração o jovem tem uma melhora e ele acredita que foi curado pelas palavras do Senhor. Diante disso, resolveu “aceitar Jesus” e tornar-se fiel. Outros, sensibilizados pela cena, também resolvem se converter. E outros dois continuam céticos. Não aceitam e vão embora.

As duas apresentações foram muito aplaudidas pelo público formado por todos os alunos do Fundamental II da escola, que pararam as atividades de sala de aula para apreciarem os colegas. A temática religiosa que, por vezes, não é bem vista, teve uma abordagem muito interessante já que faz parte do cotidiano deles. Esses alunos vêm de regiões violentas e se apegam muitas vezes na religião como forma de apaziguar uma dor que o poder público não consegue resolver. Depois das apresentações, fizemos um bate-papo na sala de aula. Pontuaram a falta de organização e os desentendimentos iniciais sobre o que apresentar. No início muitos criticavam, mas não apresentavam propostas. Relataram que até

à leitura dramática eles vinham insatisfeitos com o trabalho. Mas, depois da leitura, perceberam que teriam que mudar o texto. Curioso foi ver os dois grupos relatarem os mesmos problemas e as mesmas soluções. Depois que encontraram os textos, ficaram satisfeitos e o trabalho passou a fluir melhor. Na fase final, disseram que dei boas sugestões para as cenas, e eles ficaram muito satisfeitos com o resultado. A coincidência na temática, segundo eles, não foi proposital. Ligados às igrejas do bairro, pensaram que seria oportuno falar de amor e paz. Disseram que os jovens de hoje têm se perdido nas drogas e que falar de Deus era importante.

A experiência de se apresentar em público foi um desafio para a maioria. Muito frio na barriga, muito nervoso, mas quando tudo terminou, ficou o gostinho de quero mais. Alguns relataram que houve uma melhora na sua autoestima depois das apresentações. Sentiram-se mais confiantes. Outros relataram a alegria de estar em frente ao público. Disseram que foi trabalhoso, mas que valeu a pena. No dia da mostra, duas pessoas do Projeto Arte é Currículo foram assistir às apresentações. Esse projeto é uma parceria da prefeitura com a UFBA que busca a valorização da arte nas escolas municipais. A coordenadora de teatro é Elisa Mendes, e a mediadora do projeto é Poliana Bicalho. Depois que assistiram às peças, pediram que selecionássemos duas cenas para uma apresentação na Mostra Arte é Currículo. A princípio escolhi as duas cenas do 9º ano. Mas, participaram da mostra *Conflitos* do 9º ano e *Cinderela* do 8º ano. O outro grupo do 9º não participou em função da ausência de alunos.

Acredito que não poderia finalizar o projeto de forma mais brilhante. Tiveram a oportunidade de se apresentarem em um teatro, para um público completamente diferente. Eles ficaram muito felizes e orgulhosos de seus trabalhos.

## **Conclusão**

No mundo atual a informação chega com uma velocidade atroz. Vivemos na era tecnológica. Os jovens de hoje têm acesso a muitas informações, mas, na velocidade com que chegam, nem sempre temos tempo de assimilar todas elas. Precisamos de filtro. Filtrar o que nos interessa e descartar o restante. Mas o imediatismo desta geração acostumada de certa forma, a ter tudo na mão, expostos à cultura do “ter”, faz com que percam, às vezes, a criticidade sobre suas ações. E isso se reflete nas condições sociais em que estão inseridos. São jovens que chegam com uma carga emocional muito grande. Seja por problemas familiares, seja por morar em áreas de risco, seja por conviver diretamente com a criminalidade sem poder fazer nada. São situações que vão tirando deste indivíduo, a

capacidade de reflexão sobre sua condição. A escola faz o possível para acolhê-los. Lidamos diariamente com conflitos, que não estão ligados diretamente às questões pedagógicas. Existe hoje no universo escolar, uma linha tênue entre o trabalho pedagógico e os conflitos desta natureza. Não há como ignorá-los.

Acredito que o papel do teatro na escola é intermediar esses conflitos, buscando dar um norte a esses jovens. A prática teatral em sala de aula não é uma solução, mas um caminho possível para o autoconhecimento. É como o espelho de Alice, personagem de Lewis Carroll, na obra *Alice no País das Maravilhas*. Sonhos, diversões, questionamentos, confrontos e amadurecimento. Um mergulho no inconsciente. E possibilitar uma recepção teatral para esses indivíduos, é descortinar os horizontes de um futuro, que talvez nem acreditem que seja possível.

Este projeto se propôs a fazer um mergulho no “mundo de Alice”, pois foram muitos momentos de questionamentos, diversões e confrontos. Acredito que todos nós saímos mais maduros desta experiência. Esse foi o resultado obtido nesta pesquisa. O restante são consequências. Mas, de todo modo, a semente foi plantada. Mesmo com todas as adversidades do sistema de ensino, com seus currículos engessados dentro de uma pedagogia tradicional, onde teatro ainda é visto como mera atividade de apoio, ainda assim posso dizer, que o trabalho foi vitorioso. Digo isso, porque percebi no olhar, na expressão de satisfação quando esses jovens receberam os aplausos da plateia. Mais ainda, quando apresentaram no Teatro Gregório de Matos para uma plateia desconhecida. Esse momento, questionário nenhum conseguiria captar. Há situações que vivenciamos na sala que não há palavras que consigam traduzir. É algo imensurável.

Diante disso, percebemos a responsabilidade que a disciplina de teatro tem no currículo escolar. Precisamos aprofundar essas relações, procurando superar as condições estruturais que o sistema educacional nos impõe. Depende também das experiências artísticas que iremos disponibilizar para que os alunos dialoguem com as produções teatrais. E o diálogo se dá na relação da obra com a experiência cotidiana. É a apropriação da linguagem. E Desgranges (2003), diz que o prazer advindo da recepção teatral se dá pela descoberta pessoal de atribuir sentido na sua experiência artística através do “prazer da análise”. E quando falamos de apropriação da linguagem, estamos falando de desenvolvimento do senso crítico.

Como vemos, há muito o que se fazer na escola pública para termos um indivíduo autônomo, capaz de ter um olhar crítico sobre sua realidade. A implantação de disciplinas artísticas específicas nas escolas públicas de Salvador já foi um começo. Mas não é o

suficiente. Precisamos repensar o formato curricular das disciplinas artísticas. Precisa-se ter condições adequadas para se trabalhar. Precisa-se estabelecer uma parceria entre Escola, Secretaria de Educação e Secretaria de Cultura, para promover espetáculos teatrais com certa constância para esses jovens. É importante manter um constante diálogo com as produções teatrais, para que desenvolvam o hábito de frequentar os espaços culturais, pois assim, poderá despertar o “prazer de análise” que irá transformá-los efetivamente em espectadores. E assim, poderemos falar em formação de público. Enquanto isso, vamos adubando, na esperança que elas frutifiquem. Mas, o processo será demorado e talvez teremos uma colheita pequena. Mas, quando o sistema de ensino compreender o papel da Arte na formação dos alunos, certamente teremos grandes surpresas.

## **Referências**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação.** 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Espectador.** São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Teatro: Provocação e dialogismo.** São Paulo: Hucitec, 2006.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MARGOT, Berthold. **História Mundial do Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

MOSTAÇO, Edécio. **Fluxos e Espacialidades no corpo do espectador: IV Congresso ABRACE.** Rio de Janeiro: 2006.

PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Um olhar cúmplice. In: Visões da Ilha: apontamentos sobre teatro e educação.** Arão Paranaguá Santana (Coord.) Luiz Roberto de Souza, Tânia Cristina Costa Ribeiro. – São Luís, 2003.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**. Cosac Naify, 2009.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA**  
**IHAC – INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS**  
**PROFESSOR MILTON SANTOS**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES -**  
**PROFARTES**

**AILTON RIBEIRO**

**O TERCEIRO SINAL**  
**PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A FORMAÇÃO**  
**DO ALUNO/ESPECTADOR NUMA ESCOLA PÚBLICA.**

Salvador

2016



## **RELATÓRIO: PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Este trabalho vem mostrar o resultado da minha experiência com alunos do 9º ano da Escola Municipal 2 de Julho do bairro Trobogy na periferia de Salvador, onde foi desenvolvido uma proposta pedagógica nas aulas de teatro que aproximasse estes alunos da produção teatral soteropolitana, buscando criar um hábito de frequência e desenvolvendo o gosto pelo debate estético, estimulando a leitura dos novos signos teatrais.

A proposta que desenvolvi com os alunos do 9º ano foi dividida em três momentos: Jogos Teatrais e Improvisação, História do Teatro e Dramaturgia, Criação e Apreciação Teatral. A ideia de iniciar pela prática dos jogos teatrais é respondendo ao entusiasmo da turma que tiveram uma reação bastante positivo, quando anunciei a proposta de trabalho com teatro para o ano letivo de 2015, já que em anos anteriores trabalhava também com outras linguagens artísticas além do teatro. Diante desta empolgação, achei bastante oportuno começar pela parte prática. “O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência”. (Spolin, 2005, p. 4). O ano letivo na nossa escola iniciou-se em abril, devido a reformas estruturais no prédio. Diante desse imprevisto, fiz um cronograma de atividades de abril a novembro. De abril a junho foi aplicado os jogos teatrais e improvisações. Julho e agosto foram abordados a história do teatro e dramaturgia. Setembro a novembro criação de cenas teatrais culminando com uma mostra de teatro. Nos meses de agosto e setembro, foi possível assistir a dois espetáculos teatrais profissionais. No dia 21 de agosto, a turma de 8º e 9º anos, foram ao Teatro Gregório de Matos assistirem a peça teatral Desastro e no dia 2 de setembro recebemos em nossa escola o espetáculo teatral Entre Nós.

### **JOGOS TEATRAIS**

O primeiro dia letivo após um longo período sem aulas devido à reforma da escola foi conversar com os alunos sobre o projeto. Expliquei os objetivos, salientando que este ano trabalharíamos especificamente com teatro. Para minha surpresa, a alegria foi geral. Parecia que aqueles alunos nunca tinham feito teatro. O que não era verdade, porque eu mesmo já havia trabalhado com eles. Mas na continuação da conversa compreendi melhor a empolgação, que foi a possibilidade de se fazer uma peça teatral completa. E a sugestão veio logo com Romeu e Julieta. Percebi um ótimo caminho para fazer uma introdução ao processo de trabalho necessário do teatro. Falamos sobre a história, as relações de poder, o poder do amor, os caminhos possíveis para se conquistar algo e sugeriram um final diferente para a peça, já que eles não se conformavam com a morte no final. Conversamos sobre o final e as escolhas do autor e concluímos que foi um final impactante, para fortalecer o discurso do poder nas relações. Afinal, as famílias se arrependeram das inimizades. Um

final feliz, da forma como queriam, não contemplaria o discurso proposto e poderia comprometer o entendimento da obra. Expliquei que antes de chegarmos há uma encenação, passaríamos por alguns processos importantes como jogos teatrais, improvisações e o conhecimento teórico da história do teatro e que o trabalho culminaria em uma mostra de teatro no final do ano. A ansiedade dos alunos em querer irem logo para o palco era visível, mas que se fazia necessário passar por um procedimento metodológico para que eles fossem conhecendo e se apropriando dos signos teatrais

Após essa conversa iniciamos com os jogos teatrais. O primeiro exercício proposto foi “exposição” de Spolin. Gosto muito desse exercício, porque é simples e faz uma leitura muito direta dos participantes. Formam-se dois grupos na sala, voltados um para o outro. Um está no palco e o outro na plateia. Pedi para o grupo que estava na plateia apenas observarem o grupo que estava no palco, enquanto os alunos que estavam no palco, não faziam nada, apenas se deixavam observar. Logo no início percebemos o constrangimento de muitos que estavam sendo observados. Alguns alunos da plateia começaram a fazer comentários. Pedi que não o fizessem e que apenas observasse. À medida que o constrangimento foi aumento, a ponto de alguns quererem desistir, pedi que observassem a sala, as paredes, o ambiente como todo. Fizeram isso com certa rapidez, pois o constrangimento ainda continuava. Pedi então que observassem as sujeiras das paredes, os buracos, pensassem como aquilo tinha acontecido e como poderia ser resolvido aquilo. Alguns começaram a falar mostrando as sujeiras, os buracos, etc. Pedi que fizessem as observações de forma silenciosa. Alguns riram, outros se mantinham sérios, concentrados, às vezes um dizia o nome do aluno que fez um risco na parede ou buraco. Passados alguns minutos, começaram a pedir para parar. Parei o exercício e pedi para virem para a plateia. Saíram aliviados, uns rindo, outros comentando que não aguentavam mais ou achando o exercício chato. Sentaram na plateia. Pedi ao grupo que estava na plateia para irem para o palco. Dei as mesmas instruções iniciais e na sequência pedi para contarem os números de cadeiras, de janelas. Pedi para observarem o formato das lâmpadas, se eram iguais na forma, no tamanho, na cor. As reações foram muito parecidas. Finalizado o exercício fizemos uma roda de conversa para avaliar o trabalho. A grande maioria se sentiu exposta no jogo. Disseram que não gostaram de serem observados. Perguntei o motivo de se sentirem envergonhados, responderam que as pessoas olham e colocam defeitos neles. Uma minoria disse que se sentiram à vontade. Não se incomodaram com a observação. Perguntei o porquê da descontração e porque não se incomodavam, responderam que não davam importância se estavam sendo observados ou não. Perguntei ao grupo o que era mais confortável, observar ou ser observado. A maioria disse que era observar, apenas três alunos afirmaram gostar dos dois. Sobre a plateia perguntei como é estar na plateia observando, o que chamou mais a atenção deles. Responderam que acharam engraçada a vergonha de alguns fazendo caretas, sem saber onde colocar as mãos. Outra questão que coloquei para o grupo foi se houve mudança no seu desconforto quando começaram a observar o espaço da sala, os buracos, as lâmpadas,

etc. Responderam que sim. Alguns disseram diminuir o desconforto e outros disseram que continuaram incomodados. Expliquei aqui o que Spolin chama de ponto de concentração. À medida que nos concentramos em algo no palco, deixamos de se sentir observados, pois estamos fazendo algo e não preocupados em quem está olhando. Além disso, mantendo a concentração em algo, você acredita no que está fazendo e conseqüentemente leva o espectador a acreditar na ação. Na aula seguinte continuamos com alguns jogos simples, como caminhar pelo espaço. Andar pela sala, observar seu andar, observar o espaço, observar o outro, cruzar os olhares. Na sequência propus caminhar com dor nas costas, nos joelhos, nos pés. Terceira variação foi caminhar na água, na lama, na areia, em cascas de ovos, em cima de pedras. Depois caminharam no frio, frio com chuva, na neve e no calor. Esse exercício tem muitas variações e minha escolha foi por atividades mais simples e individuais para desenvolver a concentração. Spolin desenvolve esses exercícios na quinta sessão do seu livro *Improvisação para o Teatro* e propõe essa atividade primeiramente como relaxamento e para desenvolver o que ela chama de “substância do espaço” que, utilizando com frequência, “... mais perfeitos serão os alunos-atores na criação e construção de objetos “a partir do nada” e em “deixar as coisas acontecerem” (2005, pág. 73). Essas atividades quase sempre eram desenvolvidas com muitas brincadeiras, sem a uma concentração nos comandos. O tocar o outro, mexer com o outro, às vezes como provocação mesmo, era constante. Penso que as brincadeiras possam ser uma defesa do indivíduo frente ao outro no momento de exposição. O fazer graça disso tira o peso dessa exposição, pois tira o foco do seu eu.

Na avaliação final alguns poucos alunos acharam os exercícios divertidos, sentindo realmente as sensações propostas. Outros alunos disseram que conseguiram se concentrar na parte inicial, mas na sequência não conseguiam se sentir nos ambientes propostos. Um terceiro grupo de 4 alunos disseram não gostar dos exercícios, pois se achavam ridículos. A observação que fiz é que devemos primeiramente nos permitir “brincar” com situações propostas e lembrei-os da aula passada do ponto de concentração. Quando focamos em algo, nossa autocrítica diminui. Mas que é necessário é se permitir e concentrar nas suas ações para que o jogo aconteça.

Cabe salientar que a falta de uma sala adequada para a prática teatral também contribui para a falta de interesse do aluno. Alguns alunos apresentam resistência nas atividades porque não se permitem mesmo a vivência, mas acredito que outros podem criar resistência em função do espaço não ser propício.

Na aula seguinte passamos para as atividades de expressão corporal com mímicas. Desenvolver a relação do corpo poderia ser um bom caminho. Esses jogos são sempre bem-vindos, pois são descontraídos, leves e busca uma consciência corporal e sempre faz muito sucesso na escola, pois é estimulado pela competição. Apesar disso, ainda percebo que as brincadeiras com o outro se mantêm. A capacidade de concentração ainda é pequena.

Divididos em dois grupos iniciamos o jogo de mímicas, primeiramente, com profissões, o que foi relativamente fácil para eles. Depois mudei para emoções e finalmente os filmes. As regras eram: 1 minuto para cada aluno se apresentar; não poderiam apontar para objetos que estivessem na sala; teriam que representar este objeto; o aluno só poderia participar pela segunda vez, depois que todos do grupo já tivessem participado. Discutido as regras, passamos ao jogo. Percebi que alguns não queriam participar. Pressionados pelo grupo, alguns sediam, outros se recusavam. Não pressionei, pedi para escolherem outras pessoas. Por ser uma competição, há muito pressão, mas aos poucos vão percebendo que não é fácil estar lá na frente. Dou algumas dicas como: mostre quantas palavras tem o nome do filme, mostre qual palavra você fará, indique se está mais ou menos no caminho. Enfim, alguns gestos que ajudaria na comunicação. Percebo aí uma dificuldade na subjetividade. Quando tentam mostrar uma maçã, apenas colhem a maçã e comem e esse gesto é repetido de forma displicente o tempo todo. O jogador fica irritado porque o grupo não advinha, pois para ele parece tão óbvio, enquanto o grupo reclama dessa repetição que não parece ter sentido. Ao invés de se fazer outros gestos para mostrar a maçã, o aluno resolve mostrar outra palavra e acaba ocorrendo o mesmo erro. Neste momento paro o jogo e procuro explicar que a repetição de gestos às vezes não ajuda porque, neste caso, a fruta poderia ser qualquer uma e o grupo uma hora poderia acertar porque iria falar de várias frutas e maçã é uma fruta conhecida. Mas se pensarmos a forma que se pega a maçã na mão é diferente de outra fruta. A forma de colocar na boca e morder poderia sugerir de forma mais rápida a ideia de maçã. Coincidentemente num sábado letivo, entro na sala onde a professora de português estava com as turmas de 8º e 9º anos desenvolvendo o jogo de mímica, sugerido pelo 9º ano. Dividido em três grupos, a professora sugeriu que eles retirassem do livro de português, palavras que pudessem representar. Quando entrei, o jogo já estava acontecendo e a professora veio até mim, fazer a observação da dificuldade que eles têm com a subjetividade. Quando escolhem a palavra, ficam presos na forma e esquece a ilustração que podem fazer levando o outro a compreender a cena. Mesmo uma cena simples como beber água, eles repetem a cena exaustivamente fazendo o movimento de levar o copo à boca. Todos compreendem que está tomando algo, mas o que? Claro que no jogo, o grupo começa a sugerir várias coisas como vinho, refrigerante, etc., de forma que água aparece logo, pois é algo comum a todos. Mas não pensam que gestos feitos antes de beber a água poderiam levá-los a compreender a cena rapidamente. Essa consciência é que faz um simples jogo se transformar em jogo teatral. Richard Courtney define jogo dramático como “jogo que contém personificação e/ou identificação” (2003, pag. XX) Mais do que a brincadeira em si que me leva a competir com o outro grupo, o intento do jogo teatral é você passar por essas nuances de gestos enriquecendo a mise-em-scène e deixando a cena cada vez mais clara para a plateia. Exemplo: um aluno chega correndo, esbaforido, suado, mostrando que está com sede, procurando água, abre a geladeira e pega um copo de água e toma. A plateia vai sentir a água gelada escorrendo pela garganta.

Quando demonstrei algumas cenas possíveis, perceberam a diferença entre as cenas, ou seja, a ação em si, presa apenas em um gesto e a ação contemplando o antes e o depois.

Segundo relato dos alunos após o término das atividades que duraram três aulas, disse se sentir um pouco pressionado pelo tempo e pelas pessoas. Vários alunos corroboraram com essa afirmação. A meu ver essa relação está ligada ao aprovado/desaprovado, referente a um dos aspectos da espontaneidade que Spolin defende em seu livro “Improvisação para o Teatro”. Ela fala da busca pela liberdade pessoal, da sua relação com o ambiente, adquirindo autoconsciência e auto expressão. Mas um simples movimento em relação ao ambiente causa interrupção, gerado pela necessidade de aprovação ou desaprovação de alguém. A dependência de que temos na aceitação do outro, no julgamento do outro, acaba paralisando nossa criatividade. A partir daí resolvi inserir algumas orientações propostas por Viola Spolin que é o Onde, Quem e O que. Essas proposições são importantes porque direciona o aluno para o jogo teatral de forma mais objetiva. Aqui entramos numa relação direta com o fazer teatral. Propor exercícios que direcione o aluno para a descoberta do espaço físico e a percepção dos diferentes espaços. Como posso mostrar para a plateia onde estou sem deixar dúvidas? O quem traz a percepção humana. Quem eu sou é uma pergunta aparentemente comum e ao mesmo tempo misteriosa. Quase sempre pensamos bem antes de responder. E o que estou fazendo, é o que move a cena. Se estou em algum lugar, pressupõe que tenho algo a fazer. A proposta foi continuar com mímicas. Os exercícios de Onde, Quem e O que, tinham que ser trabalhados inicialmente com gestos e depois com texto. Iniciando com os exercícios de “onde” a princípio os alunos mostravam o lugar de forma muito simples, sem o cuidado de estabelecer as diferenças necessárias para identificarmos os espaços. Andavam por cima dos móveis, as saídas de portas eram sempre diferentes, não delimitavam o espaço, ou seja, muitas informações desconstruídas. Depois desta primeira improvisação, sentamos para avaliar os trabalhos e os ambientes propostos por eles. Fizeram a análise de que não se preocuparam com os elementos que compõe o ambiente. Fizeram a cena, preocupados com a história e não valorizaram o espaço. Exercícios como esses vão evoluindo à medida que vai se praticando. É natural que o aluno não valorize os elementos da cena, pois ainda não percebe a importância que eles têm. O cenário é algo orgânico, precisa ser incorporado. Fazemos isso naturalmente no nosso cotidiano, mas no teatro isso tem que ser incorporado aos poucos. Na aula seguinte repetimos o exercício e percebi um cuidado maior com o espaço, mas ainda não foi o suficiente para compreendermos com clareza o espaço proposto. Repetimos novamente a mesma cena, agora com a fala. A improvisação com um texto deixou os alunos mais soltos na cena, no entanto, o foco ficou na história, esquecendo um pouco a demonstração do espaço. Dos cinco grupos, apenas um demonstrou consciência espacial. Na avaliação pedi para um grupo comentar a apresentação do outro. Foram identificando as deficiências do espaço físico, pontuando a falta de clareza na história, a falta de concentração e o comprometimento com o trabalho em si. Na auto

avaliação comentaram que a maior dificuldade era o comprometimento do grupo. Alguns alunos não faziam o que haviam combinado, ficavam rindo, perdidos em cena e o trabalho não fluía. Os que riram na cena justificaram que a história não tinha sido combinada direito e eles não sabiam o que fazer. De repente começa um bate-boca e um jogo de acusações, um tentando desmentir o outro. Controlado os ânimos, voltamos para as análises do trabalho. Minha intervenção é falar do jogo enquanto ação espontânea.

Esclareço que numa improvisação, o grupo apenas desenvolve um roteiro com focos de abordagens sobre o tema e o restante é criado na hora. É um bate-bola, onde me permito e permito ao outro propor, mas todos têm que saber aonde se pretende chegar, caso contrário, o grupo se perde e não acha mais o caminho de volta e a improvisação vai se alongando e tornando chata para quem assiste. Temos que ter consciência das ações. O objetivo de um jogo é propor desafios e para conseguir solucioná-los são necessários envolvimento e comprometimento focando em suas capacidades de expressão. O mais importante não é o produto final, mas o crescimento gradual de suas possibilidades expressivas.

Passamos então para “O que” que são ações cotidianas. Em muitas ações, nem pensamos muito para realizá-las. Mas no teatro tem que ser ações conscientes. Fizemos algumas brincadeiras de mímica com ações como: plantando flores, lavando louça, fritando ovo, batendo bolo, colocando roupas no varal, limpando vidro, cortando cabelo, trocando pneu, apenas como aquecimento para o jogo. Esse jogo foi importante, pois mostrou com clareza a ação. Individualmente, trabalhei uma das propostas de Spolin no jogo “Que horas São?”. O objetivo era perceber de que maneira cada aluno resolveria o desafio de mostrar as horas. Dos 22 alunos presentes, a maioria mostrou ações rotineiras como acordar, almoçar, dormir, chegar ao trabalho ou a escola. Ações que por si só já remetem às horas estabelecidas ou próximas. Alguns alunos improvisaram sem a preocupação com a ação em si. Começaram a cena dizendo as horas e finalizando-a na sequência. Não interferi em nenhuma das apresentações. Deixei acontecer. A exceção foi a apresentação de quatro alunos que mostraram cenas um pouco mais elaboradas. Uma aluna estava assistindo o Jornal Nacional e sentindo muito sono. Assim que termina o programa ela vai dormir. Outro aluno. Levantou, tomou banho e saiu para pegar um ônibus, chegou ao trabalho, trabalhou e saiu para almoçar. Esse trabalho deixou dúvidas sobre qual era a hora exata, mas foi rico em detalhes. Outros dois trabalhos também foram mais específicos, mas deixaram dúvidas sobre o horário exato. Finalizada a atividade, pontuei que o desafio do jogo estava exatamente em você ilustrar a cena levando o público a pensar na hora em que isto estava ocorrendo. Quando damos rapidamente a resposta ao público, automaticamente perde-se o interesse pela cena. Não há mais expectativa para o que vai acontecer. A cena está resolvida. Mas quando fazemos o público racionar junto com a cena, cria-se a expectativa de como vai acabar. Foi o que aconteceu com a cena da aluna Fernanda. Ela sentou para assistir televisão, levou um tempo para

entendermos que assistia o Jornal Nacional. Cansada e com sono, mostrou que o programa havia terminado e que iria dormir. Compondo a cena desta maneira, Fernanda foi levando o público a racionar junto com ela. Ela poderia finalizar a cena tomando um banho, poderia terminar a cena indo jantar, ir conversar com um vizinho, etc. Criou várias possibilidades e o público não podia deduzir facilmente qual seria o final. Havia uma complexidade na cena. O público teve que acompanhar o passo a passo para compreender o todo. Isso é que faz o jogo cênico se tornar atraente. Somos movidos por esses desafios. Esse exercício foi desenvolvido em duas aulas. Na aula seguinte trabalhamos em grupos. Formamos quatro grupos e a cada um anotei em um papel a hora que deveria ser encenada. O detalhe é que todos receberam a mesma hora. Estipulei 5 minutos para organização e então iniciáramos as apresentações. A hora escolhida foi 16:30h. O primeiro grupo apresentou uma cena de consulta médica marcada para esse horário. Arrumaram-se e foram ao médico. A atendente recebeu-os com elogios a pontualidade de 16:30h. O segundo grupo mostra uma cena de almoço em família. A cena começa com as pessoas chegando, trazendo bebidas e comidas. Na conversa alguém diz que o almoço só vai ser servido por volta das 16h:30. Há reclamações e a conversa continua. Mais tarde alguém diz que o almoço será servido. O público deduz que já são 16:30h. Os outros dois grupos fizeram improvisações rápidas mostrando a hora já no início da cena. Não houve o desenvolvimento da ação. Reunimos o grupo para uma avaliação e a primeira reclamação foi que a hora proposta foi difícil. Eles a princípio não sabiam o que fazer. Lembrei-os do desafio e busca por soluções. Se desse algo simples, não seria um desafio. Perguntei sobre as dificuldades que tiveram. Os dois grupos que fizeram improvisações rápidas e sem desenvolver as ações, fizeram as reclamações de sempre afirmando a falta de comprometimento do grupo. Os dois outros grupos, disseram que foi desafiador pensar em ações que identificasse a hora proposta, mas que acharam que conseguiram fazer uma boa apresentação. De fato, fizeram uma boa apresentação. Comentei que o grupo que apresentou a clínica médica construiu uma boa ação e apenas o final poderia ser mais trabalhado para não dizer a hora de forma tão óbvia. O segundo grupo foi mais feliz na apresentação criando também uma boa ação e tiveram uma boa solução para definir a hora. Justifiquei a escolha de 16:30 por não ter nenhuma atividade específica neste horário. O desafio estava aí. Fiz a pergunta que Spolin fez em sua obra. Temos esses padrões estabelecidos a partir do horário de trabalho de 8:00 as 18:00 ou horário escolar. Convencionou-se o horário de almoço as 12:00 por exemplo, café da tarde as 15:00, jantar as 19:00. São as convenções estabelecidas. Mas será que todos nós fazemos isso nos mesmos horários? A resposta é não. Cada um tem seu tempo para almoçar ou jantar a hora que quiser. Por isso num jogo cênico precisamos nos despirmos das convenções para poder desenvolver a cena e pensar de outra maneira, como fizeram alguns grupos.

Passamos ao exercício do “Quem”. Aqui propus um jogo cênico a partir de um texto com frases aleatórias. Junto com o jogo do Quem, acrescentamos o onde e o que, para dar melhor suporte

aos alunos. Esse texto, que recebi em uma oficina de teatro que fiz há muitos anos atrás, é uma boa tática para determinar os três elementos propostos por Viola Spolin e desafiar a criatividade dos alunos impondo uma condição da qual ele terá que criar estratégias para sair. As regras eram as seguintes: não poderiam mudar a ordem do texto; não poderiam tirar ou acrescentar palavras; foi permitida a divisão das frases.

“Até agora nada  
E o pior é isso  
Oi Oi  
Aaaahhh  
Sabe  
Eu às vezes não sei se  
Você sabe  
Sim  
Nada  
Poxa Paulo  
Eu acho que você está exagerando  
Eu não quero nem saber  
Vai dizer que não sabia  
Mentira sua  
Ahhhh  
Tenho umas coisas aí Droga  
E aí acabou  
Eu nunca acerto”

No primeiro momento, os alunos estranharam o texto. Disseram que aquilo não fazia sentido. Expliquei que a proposta era exatamente essa. Que eles dessem sentido aquele texto. Lendo apenas como estava, parecia realmente não ter nada a ver com nada, mas que cabia a eles estudar o texto o criar uma cena que fosse possível compreendê-la. O roteiro aqui é apenas um ponto de partida de onde os alunos vão criar. O trabalho sendo em grupos, as falas poderiam ser divididas entre os indivíduos do grupo. O jogo seria mostrar para a plateia quem eram eles, onde estavam e o que estavam fazendo. Teriam 10 minutos para organizar a apresentação. Passados os 10 minutos, nenhum grupo havia conseguido organizar a cena. Levaram uma aula inteira de 50 minutos para se organizarem. A apresentação ficou para a próxima aula. Na aula seguinte, pediram mais uns minutos para reorganizarem. O primeiro grupo a se apresentar não definiu com clareza as situações de onde, o que e quem. Fomos para o segundo grupo que também não conseguiu mostrar as situações. O mesmo aconteceu com os dois últimos grupos. Fizemos uma avaliação e pedi para que um grupo avaliasse o outro. Todos avaliaram negativamente dizendo não ter entendido a cena. Pedi então, para os grupos falassem dos seus trabalhos. O primeiro grupo falou que a cena tratava de uma menina que sempre chegava atrasada aos encontros e era toda perdida, “sem noção” que sempre fazia alguma besteira no final. Marcaram um encontro na rua para irem ao shopping. O segundo disse que era um



grupo de amigos e que tinham marcado um encontro e acabou discutindo por uma razão que eles não sabiam qual era. O terceiro grupo disse que eram amigos que marcaram um encontro. Questionados sobre onde estavam e o que faziam, disseram não ter compreendido direito o trabalho. O quarto tratava-se de um grupo de amigos que iriam para o shopping e um deles esqueceu uns objetos em casa. Mas não ficaram claras essas situações. Ou seja, nenhum grupo conseguiu articular de fato uma dramatização a partir do texto proposto. As reclamações se sucederam afirmando que não tinha como fazer nada com o texto e que eu deveria permitir ajustar as falas. Indaguei sobre o motivo de todos os grupos partirem da ideia de serem amigos. Segundo, que todos marcaram um encontro. Alguém atrasado em todas as apresentações. A resposta foi que no texto mostrava alguém questionando sobre o atraso. Essa pessoa chega e cumprimenta. Estavam se referindo as primeiras falas do texto “Até agora nada; e o pior é isso; oi; oi”. Essa sequência levou-os a pensar desta forma. Provoquei-os com a seguinte cena: imaginem alguém fazendo uma experiência científica para a aula de ciências. Coloram em funcionamento a experiência e ficaram esperando acontecer algo. Uma das pessoas impacientes comenta: até agora nada e o outro olha para o relógio e responde: e o pior é isso, ou seja, o tempo está passando. Alguém se aproxima e cumprimenta com um “Oi” e outro responde “Oi”. Achei oportuno ilustrar essa cena, para fazer os alunos perceberem que eles estavam olhando o texto com apenas uma perspectiva. A partir daquele texto muitas outras possibilidades poderiam ser consideradas. Também poderiam dividir o grupo e fazer conversas intercaladas. Uma dupla ao telefone conversando e outra dupla a parte com outra conversa. Poderiam pensar em outros tipos de personagens que não fossem adolescentes ou estudantes apenas, mas os vários tipos humanos e as várias relações familiares. Essa provocação é necessária para evitarmos modelos culturais tradicionais, possibilitando novas leituras e que façam referência, o mais possível, à escritura teatral contemporânea. Pensando nesta busca por novas narrativas, preferi insistir no mesmo trabalho, agora com uma nova perspectiva depois da conversa da aula anterior. Relembrei o que tínhamos conversado e pedi que eles criassem uma nova cena. Neste dia a aula foi interrompida pela coordenadora por problemas burocráticos. Precisava muito conversar com os alunos sobre a formatura. Disse então, que apresentá-íamos na aula seguinte. Só retomamos essa atividade 11 dias depois, em função da semana de provas. No retorno, conversamos novamente sobre o trabalho. Estipulei 15 minutos para reorganizarem as cenas, mais acabaram utilizando a aula toda. A apresentação ficou para a aula seguinte. As cenas ficaram melhores, mas ainda sem muita clareza do onde e o que estavam fazendo. Dois grupos continuaram com grupos de amigos com cenas muito parecidas com as anteriores. Outro grupo acabou usando a ilustração que dei, mas não conseguiram desenvolver o restante da cena. E outro grupo que mostrou um ponto de ônibus com duas pessoas reclamando do transporte e outros dois ao celular. A ideia foi boa, mas faltou organização nas falas, dificultando o entendimento do texto. Passei essa percepção para eles. Continuaram dizendo que o texto era difícil. Resolvi então

liberar o complemento do texto. Manteriam a sequência, mas poderiam incorporar novas palavras. Ficamos de apresentar na aula seguinte. O que não aconteceu, pois houve nova paralisação na rede municipal, interrompendo o trabalho. Já haviam acontecido algumas paralisações no mês de maio, mas que não afetaram tanto a sequência do trabalho. Mas, neste trabalho estava atrapalhando o andamento, pois o jogo de improvisação tinha que ser mais bem elaborado. Estávamos buscando uma evolução na cena, já que havíamos incorporado o elemento dramático com um roteiro pré-estabelecido e com certo grau de complexidade.

Retornamos uma semana depois, revisando nossa conversa anterior para que se lembrassem das intervenções feitas por mim. Novamente utilizaram a aula inteira para organizarem as cenas. Aproveitando que a apresentação seria somente na próxima aula, pedi que pensassem no figurino e possíveis adereços de cena. Achei oportuno acrescentar esses elementos, pois já não haveria mais tempo para trabalharmos novas improvisações. O semestre letivo já estava finalizando. No dia da apresentação, apenas um grupo lembrou-se do figurino e dois grupos trouxeram algum tipo de adereço. Organizamos a sala de aula, dividindo bem os espaços da plateia e do palco. As apresentações ficaram aquém do esperado. Digo isso, não porque havia grande expectativa para o trabalho, mas porque esperava uma sensível evolução nas apresentações. Conheço o grupo e sei das dificuldades por que passam, mas acredito que faltou maior comprometimento com o trabalho. O primeiro grupo a se apresentar representou um grupo de colegas de escola que estão esperando outro aluno chegar com o material para fazer o trabalho. Chega atrasado e diz que esqueceu o material em casa. Diz que não sabia que seria para hoje. Há uma discussão e a cena termina com eles frustrados com a situação. O segundo grupo tem três pessoas esperando alguém e diz que estão preocupados com o atraso. Chegam mais duas pessoas e continuam falando o texto sem os complementos que eles tanto pediram. Não entendemos quem eram essas pessoas que estavam sendo aguardadas e nem o que estavam fazendo ali. O terceiro grupo teve uma apresentação muito parecida com o segundo. Esperando alguém que chega atrasado deixando uma delas irritada. Quando chega, a continuação do texto não dá para entender qual é a situação. Também não mudaram quase nada do texto original. O quarto grupo mostrou a mesma cena que havia apresentado anteriormente. Não houve nenhuma mudança. O texto continuava o mesmo, sem nenhuma alteração. Não dava para saber quem eram, onde estavam e o que estavam fazendo. Apenas a espera por alguém que está atrasado. Finalizadas as apresentações, não houve tempo para avaliarmos o trabalho. Tive que deixar as análises para aula seguinte.

Quando iniciamos a conversa pedi para que eles se manifestassem sobre o trabalho. Alguns disseram que as apresentações ficaram horríveis. Começaram a discutir revelando a falta de organização e de participação do elenco. A história se repetia. Fizeram jogos de acusações e não avaliavam o trabalho. Interferi dizendo que não era para isso que estávamos ali e que deveríamos

conversar sobre o resultado. Após as análises, cada um poderia dizer o que faltou fazer para melhorar. A aluna Giovana disse que apresentação delas ficou “ridícula” porque não houve organização. Apenas pensaram na hora o que iriam fazer e por isso não funcionou. O aluno Jônatas também reclamou de sua equipe dizendo que ele chamou as pessoas para ensaiarem, mas que a maioria não se comprometeu em fazer. Fizeram uma improvisação em cima da hora. Taís defendeu seu grupo dizendo que organizaram a cena e que só faltou mais ensaio, mas que tinha uma proposta. De fato, a única apresentação que conseguimos compreender foi desse grupo. Foi a história do aluno que esqueceu que teriam que fazer um trabalho escolar e ele havia esquecido o material em casa. Flávio justificou a total falta de compromisso. Esqueceram que o trabalho seria apresentado naquele dia e só lembraram quando entrei na sala. Então resolveram apresentar a mesma cena que haviam feito antes.

A minha frustração era visível. Esperava mais dos grupos. Tivemos muitas interrupções nos dias de aulas que atrapalharam muito o andamento das aulas, mas penso que faltou comprometimento da turma. A palavra era essa: comprometimento. Compreendo todas as dificuldades que um grupo possa ter nas encenações, mas as apresentações ficaram muito aquém do esperado. Perguntei o porquê não complementaram o texto como haviam pedido? Dei a liberdade para isso e, no entanto, apenas um grupo interferiu no texto. A resposta estava na falta de organização dos grupos que nos referimos anteriormente. Nos outros grupos, quase não houve mudanças. Lembrei-os da primeira aula quando falei do projeto e eles queriam apresentar Romeu e Julieta. Disse que teríamos que passar por um processo de aprendizagem para poder assumir um trabalho como esse. Sempre digo para meus alunos que arte é mais difícil que matemática. Sempre riem desta minha afirmação. Expliquei que a matemática é uma ciência exata. Basta você aprender a fórmula que você chegará ao resultado. Aliás, todos naquela sala, se aplicarem a fórmula certa chegarão ao mesmo resultado. Quanto à arte, isso já não é possível. Quem cria a fórmula é você mesmo. E quando um colega seu vai pelo mesmo caminho que você, ainda assim, poderá obter resultados diferentes. A exposição à que nos referimos no teatro não é só estar à frente de um palco. Para estar à frente de um palco é porque você tem algo a dizer. E para você ter a atenção das pessoas, você precisa dizer algo que seja interessante. Que desperte a curiosidade das pessoas. É essa exposição à que me refiro. E o jogo é o caminho a trilhar para desenvolver nossas habilidades expressivas.

## **HISTÓRIA DO TEATRO**

Retornamos do recesso de julho fazendo um apanhado do que tínhamos trabalho no primeiro semestre. Relembramos os jogos e os devidos comentários sobre as atividades. Relataram que queriam continuar os jogos. Expus a necessidade de dar prosseguimento ao planejamento em função do tempo. A idéia era uma apresentação teatral no final do ano. Combinei que faria mais alguns jogos naquela semana e que na semana seguinte estudaríamos a história do teatro. Quando pensam em

teoria, vem logo a desaprovação. Fiz alguns jogos de interação, mais livres para se divertirem com brincadeiras, apenas para descontrair. Foram duas aulas naquela semana. Na semana seguinte comecei falando da necessidade de estudarmos alguns pontos da História do Teatro. Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem “Conhecer e distinguir diferentes momentos da História do Teatro, os aspectos estéticos predominantes, a tradição dos estilos e a presença dessa tradição na produção teatral contemporânea” (1998, pág. 90). Sugerida como uma das diretrizes dos PCN, esse objetivo evidencia a relevância do conhecimento da História do Teatro como importante instrumento de conhecimento para se fazer uma leitura teatral mais crítica. Expliquei que o teatro tinha uma longa história. Que era tão velho quanto à humanidade. Podemos falar de teatro desde os primitivos. Se naquela época o teatro não era visto como hoje, percebemos que a representação faz parte da condição humana. Se os primitivos não dominavam a fala, então o teatro era uma solução na hora de relatar os acontecimentos diante de uma caçada. A mímica é provável que seja a primeira manifestação artística relacionada ao teatro. Comunicar-se através de gestos era uma condição do homem primata. Através de rituais de caças o homem já se utiliza desta técnica. “A forma e o conteúdo da expressão teatral são condicionados pelas necessidades da vida e pelas concepções religiosas” (Berthold, 2000, pág. 02). Isso evidencia o fato do Teatro ser tratado como um impulso natural do homem na sua relação com a natureza. O teatro está intimamente ligado à sua rotina cotidiana. Responde a uma necessidade do seu dia-a-dia. As danças, os rituais, as procissões sempre ligadas a magias, as relações do homem com o divino vão permear o universo teatral. Toda a história do teatro desde os primitivos até chegar a Grécia antiga, as informações mesmo que, às vezes, desconstruídas, perpassam pela religião.

Chegando à Grécia vêm as mudanças pontuais. Do culto ao teatro. Dos ditirambos, passando por Téspis na criação do primeiro ator até chegar a Ésquilo, que formaliza um padrão para todo sempre, a Grécia antiga se consolida como berço do teatro. A tragédia e a comédia tornaram-se referências de dramaturgia até os dias de hoje. A simbologia das máscaras que é um importante elemento cênico tem origem nos rituais primitivos. A arquitetura do espaço cênico com arrojada técnica acústica, possibilitou que milhares de pessoas pudessem assistir os festivais. Assim ficam claro as mudanças propostas pelos gregos e porque a Grécia é considerada o berço do teatro mundial.

Passamos então ao Teatro Brasileiro. É importante a compreensão de como os jesuítas utilizaram o teatro como instrumento pedagógico para catequizar os índios. Os índios já tinham uma inclinação pela dança e pela música. O teatro foi trazido pelos jesuítas que também tinham grande influência da literatura. Padre Anchieta escreveu vários autos sacramentais e que foram apresentados em várias regiões do país. Percebe-se novamente a utilidade da arte no cotidiano das civilizações. Após essa introdução sobre o teatro no Brasil, faço um pequeno resumo em 200 anos de história nos séculos XIX e XX. Desde a chegada da família real portuguesa, passando por João Caetano, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Arthur Azevedo. As construções de grandes teatros inspirados nos

modelos europeus como Teatro Amazonas, Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Theatro Municipal de São Paulo. O aparecimento de diretores europeus, refugiados da guerra e que traz grandes conhecimentos sobre as técnicas e ajudam na evolução do cenário teatral brasileiro. O fortalecimento de grandes companhias como Grupo Universitário de Teatro fundado por Décio de Almeida Prado, Grupo de Teatro Experimental por Alfredo Mesquita, TBC – Teatro Brasileiro de Comédia de Franco Zampari, Teatro de Arena com Augusto Boal e Teatro Oficina de José Celso Martinez Correia, entre tantos outros grupos, companhias e atores que foram se destacando na carreira solo. O pequeno resumo foi para traçar um panorama de como o teatro brasileiro foi se profissionalizando em meio a tantos acontecimentos sociais e o teatro passou a ser importante instrumento de protesto e de reivindicação. A utilidade do teatro agora é dar voz a todas as opressões vividas pelos cidadãos.

Esse processo teve uma duração de 10 aulas. Fizemos alguns debates sobre a situação do teatro no Brasil. A história recheada de contexto sócio histórico político fez com que eles participassem mais das discussões. Mas a falta de conhecimento sobre a nossa história e ausência de hábitos culturais acaba distanciando os jovens de uma discussão mais aprofundada. Mas, o importante era a percepção de que o desenvolvimento do teatro brasileiro estava atrelado a esse contexto.

## **DRAMATURGIA**

Essa subseção tem por finalidade compreender estrutura de um texto e pontuar os elementos teatrais. Iniciei esse tema com a leitura de um capítulo de O Pagador de Promessas de Dias Gomes. A cena escolhida refere-se ao segundo ato em que Zé do Burro fala com o padre sobre o cumprimento de sua promessa que é levar a cruz até o altar em obrigação a Santa Bárbara. A cena termina com a indignação do padre em saber que a promessa foi em função da doença de um burro e prometido em um terreiro de candomblé e termina a cena com o padre fechando a porta da igreja para impedir que se cumprisse a promessa. Antes de lermos a cena, fiz uma introdução sobre o tema e um resumo da história. Os personagens que aparecem nesta cena são: Zé do Burro, sacristão, padre, bonito. Fizemos duas vezes a leitura com elenco diferente. Primeiro para mais alunos poderem ler e segundo para compreenderem melhor a cena. A segunda leitura possibilita uma percepção melhor dos detalhes. A partir desta leitura, fiz algumas perguntas sobre o protagonista. Alguns alunos não sabiam o que era protagonista. Esclarecido essa dúvida, responderam que era Zé do Burro, mas alguns responderam que era o padre. Passamos a trama da cena para entendermos os conflitos apresentados. Questionei sobre a posição de cada personagem sobre o conflito apresentado. Fomos debatendo principalmente sobre o padre e Zé do Burro que são os personagens centrais. Questionei sobre como eles se comportariam diante de cada situação apresentada. Houve uma discussão mais acalorada diante do assunto religioso. Igreja Católica e Candomblé. Apesar de o candomblé ser bastante popular em Salvador, muitos alunos concordaram com a decisão do padre. Passamos para os elementos teatrais.

Aproveitei a cena teatral e pedi para pensarem no cenário. Houve muitas opiniões e todas voltadas mais para um cenário realista. Sobre o figurino não houve tanta controvérsia. Compreenderam a personagem de Zé do Burro como um sertanejo, um trabalhador rural e de classe baixa. Diante disso traçaram um figurino bem tradicional e realista. Na sequência assistimos uma cena de Terça Insana no quadro “Como educar seu filho na favela” de Luís Miranda. Curtiram muito. Riram muito. Pediram inclusive para repetir. Houve na verdade uma identificação com a cena. Não pelo conteúdo em si, mas pelo tema, a personagem, a trama mais próxima à realidade deles. Perceberam a verossimilhança com pessoas do seu entorno. A roupa mais fechada, mais “comportada” lembrando as mulheres religiosas do bairro. Os peitos e as nádegas grandes, lembrando muitas mulheres negras com esses dotes, pois Miranda coloca enchimentos exagerando essas características físicas. Foi um ótimo exercício. Mais dois vídeos estavam programados. Romeu e Julieta com Grupo Galpão, onde assistiríamos trechos da peça e Hermanoteu na Terra de Godah da Cia. de Comédia os Melhores do Mundo. Mas não foi possível, pois tivemos problemas com os equipamentos da escola inviabilizando por três semanas qualquer trabalho audiovisual. Pedi aos alunos que assistissem trechos destas peças pela internet para podermos conversar em sala. Mas a discussão ficou muito limitada porque muitos alunos não assistiram. Resolvi então fazer uma explanação das duas companhias e seus devidos trabalhos e que numa outra oportunidade assistiríamos na escola, mas assim que eles pudessem que assistissem à peça internet. A proposta desses dois trabalhos era aprofundar a discussão sobre os elementos teatrais. Principalmente Romeu e Julieta, pois se trata de uma obra conhecida e compreender as opções escolhidas pelo Galpão poderia render um bom debate. Apesar da frustração, fomos compensados com duas apresentações teatrais onde podemos discutir mais sobre os elementos.

## **ANÁLISES DOS ESPETÁCULOS**

Nos meses de agosto e setembro tivemos a oportunidade de assistir dois espetáculos teatrais profissionais. Isso entusiasmou muito o grupo. O primeiro foi a peça Desastro baseada na música Space Oddity de David Bowie, voltada para o público adolescente, com muitos efeitos tecnológicos como forma de dialogar com essa plateia. Foi uma peça marcada com uma semana de antecedência em função da programação de um evento ocorrido na cidade. Apesar de ter sido marcado em cima da hora, consegui trabalhar com eles a música Space Oddity, traduzindo a letra para entenderem o contexto. O espetáculo foi apresentado no Teatro Gregório de Matos. O segundo espetáculo que foi Entre Nós, também foi marcado em um prazo curto em função de o grupo estar se apresentando na rede pública gratuitamente durante uma semana como cumprimento do apoio dado pelo Governo do Estado da Bahia. Para nós foi uma grande oportunidade. A peça fala da diversidade sexual e aborda

a homossexualidade masculina. Essa peça foi apresentada em nossa escola. Com esses dois trabalhos, os alunos puderam assistir a dois espetáculos com características bem diferentes, sendo o primeiro, um espetáculo com características mais pós-moderno e o outro mais convencional. Com formatos cênicos diferenciados, as duas apresentações possibilitaram uma discussão importante sobre a estética teatral. No primeiro, fomos até o teatro, enquanto o segundo veio até a escola. Isso também proporcionou aos alunos um olhar diferenciado sobre os espaços teatrais.

Vivenciar essas duas possibilidades espaciais foi importante para os alunos refletirem sobre essa receptividade.

### **ESPETÁCULO DESASTRO**

No dia 21 de agosto de 2015 fomos ao Teatro Gregório de Matos assistir o espetáculo Desastro, que participava da programação do evento Cena, Som e Fúria. Produzida pelo Grupo Dimenti, com concepção e direção de Neto Machado. Desastro é uma peça que tem como base a música Space Oddity de David Bowie. Com várias versões sobre esta música, os atores contam a história de um astronauta que faz uma viagem espacial e acaba se perdendo no espaço. O espetáculo pode ser dizer que é bastante performático. Fazendo recortes desta história com trechos em versões musicais diferentes sobre a mesma música, a história vai sugerindo um olhar futurístico nas relações pessoais e das experiências vivenciadas pelo astronauta nesta viagem. Com muitos efeitos especiais, o grupo valoriza muito o figurino e adereços. Esses elementos fazem por si a iluminação da peça. Com muitos objetos incandescentes o público jovem fica muito ligado nas cenas. Um dos pontos interessantes que percebi na recepção do aluno foi na ambientação. Quase todos os alunos falaram da sensação, como se estivessem numa viagem espacial assim que começou a peça. Que o ambiente criado no teatro os levou a essa sensação. Roupas futurísticas, objetos incandescentes, sonoplastia com sons espaciais, foram os elementos citados nesta percepção. Em várias cenas havia dúvidas sobre o entendimento, como as pessoas que aparentavam estar doentes e os personagens passavam a espada luminosa pelo corpo e logo era curado. Esta ação foi repetida algumas vezes. Outra cena emblemática para os alunos foi uma personagem dando à luz e dela saíam bolas de luzes, literalmente. Outras cenas interessantes foram os atores vomitando pequenos objetos luminosos. A curiosidade pela cena sobrepôs o nojo de ver alguém vomitando. Percebi a dificuldade dos alunos em perceberem a subjetividade dessas cenas. Como alguém podia dar à luz a bolas de luzes? No bate papo final essa pergunta foi feita para os atores e um deles respondeu sobre o termo “dar à luz”. Falou que dar à luz era dar vida a algo. Então o grupo pensou em como eles poderiam representar cenicamente esta ação e então veio a ideia de bolas de luzes. A mesma curiosidade dos alunos foi sobre os vômitos. E o grupo de atores respondeu sobre a escolha cênica para representar algo que nos incomode; a utilização da tecnologia criando efeitos cênicos e mais próximos do imaginário dos adolescentes.

Considero a ambientação um importante elemento de aproximação da plateia porque percebi que os alunos tiveram muitas dúvidas sobre o entendimento do espetáculo como um todo, mas perceberam a ideia de estar no espaço e tudo que acontecia ali estava relacionado a uma viagem espacial. A atmosfera criada pela peça ajudou nessa compreensão. Outra característica da peça foi a quase ausência de texto narrativo. Os atores falaram muito pouco. As cenas eram mais performáticas. Havia uma necessidade de se interpretar cada ação. Na conversa que tive com eles, apontaram essa questão como um problema para o entendimento da história. Questionei-os se, para entender uma ação, deveria ter texto narrado. A resposta foi não. Então neste caso devemos fazer o que? Uma aluna respondeu que deveríamos analisar a ação e deduzir o que estava acontecendo. Resposta perfeita. A peça fez sugestões que cada espectador iria digerir e ter sua compreensão. Neste momento outra aluna lembrou da fala de um dos atores no bate-papo, quando alguém perguntou sobre a “mensagem” da peça. O ator respondeu que não havia uma mensagem específica. Que cada um deles deveriam tirar suas próprias conclusões sobre o espetáculo. Apesar de compreender a nossa conversa, percebi que os alunos não digeriram direito essa ideia de “cada um interpreta como quiser”.

As dificuldades apresentadas no entendimento de algumas cenas estão, talvez, relacionadas à falta de autonomia na interpretação, nas leituras possíveis. A falta de hábito cria um estranhamento que pode desencadear um desinteresse, quando eles acreditam que algo que não faz parte do cotidiano deles. Mas, efetivamente a estética do espetáculo foi o que mais chamou a atenção. Os efeitos visuais a partir de objetos simples como brinquedos, robôs, espadas e pisca-piscas. As roupas também remetendo a personagens de desenhos animados e heróis da tv. Todos esses elementos tiveram uma conexão com os alunos, pois em suas falas, fizeram referências a eles. Penso que houve a compreensão do espetáculo.

## **ESPETÁCULO ENTRE NÓS**

Entre Nós é uma peça que fala de diversidade. É a história de dois atores que resolvem criar na hora uma história de dois jovens gays. Acabam enfrentando uma série de situações conflitantes, criando situações bastante engraçadas. A graça está nos conflitos dos próprios atores em representar situações do cotidiano gay. No final o público é solicitado para decidir sobre o destino dos personagens. Trata-se de um beijo. Os personagens terminam a peça com um beijo ou não?

A apresentação foi um sucesso na escola. Levamos os alunos do 8º e 9º anos. Apresentado numa sala de aula e mesmo o espaço sendo bastante limitado, isso não foi empecilho nem para os atores, nem para os alunos que se sentaram no chão. Participando muito da apresentação, os alunos se divertiram e se envolveram muito com as cenas. Na hora do você decide, a grande maioria optou pelo beijo. No bate-papo final, os atores avisaram que não responderiam perguntas pessoais. Achei importante essa observação, pois muitos alunos provavelmente iriam perguntar sobre a sexualidade



dos atores. A discussão deveria ficar restrita ao espetáculo. Apesar de uma conversa rápida, os alunos disseram ter gostado muito do trabalho e que achava importante falar sobre a homossexualidade. Não concordam com a discriminação. O fundamental é respeitar o outro.

Na sala de aula voltamos a fazer o debate. Tive muita dificuldade em analisar a princípio, a estética do espetáculo, devido ao acalorado debate sobre a questão gay. Alguns poucos alunos, na sala de aula, disseram não concordar com o beijo, nem com a condição gay. Respeitavam, mas não concordavam. Isso foi o suficiente para criar uma grande discussão. Em vários momentos tive que apaziguar os ânimos. Os prós e contra foi bastante discutido, inclusive com depoimentos de alunos revelando pessoas da família, que se assumiram. No fim concordaram com a importância do espetáculo como propulsor do debate acerca da diversidade. Na aula seguinte conseguimos fazer um debate mais tranquilo. Os alunos estavam ainda muito impactados com a peça. Precisávamos nos distanciar da obra para poder analisá-la.

Fizemos então, a avaliação técnica. Gostaram muito do trabalho, elogiando o desempenho dos atores. Sobre o espaço apresentado, a maioria disse que a apresentação ficaria melhor em um teatro, mas que o espaço apresentado não comprometeu a qualidade do trabalho. A proximidade dos atores com a plateia também foi considerada positivo. Acharam interessante a interação. É como se eles fizessem parte da cena. Quanto aos elementos teatrais, citaram a música e o figurino. Eram apenas esses dois elementos. Acharam curiosa a participação ao vivo do músico que, por vezes, participava da cena. Os adereços utilizados pelos atores para se transformarem em outros personagens, também foram citados. Acharam criativos, pois eram elementos do próprio figurino, que se transformavam. A recepção deste espetáculo foi realmente surpreendente e positiva. O tema, apesar de polêmico, permitiu um debate bastante profícuo. A repercussão foi muito grande. Alunos de outras turmas, que não puderam assistir, pediram para que se apresentassem novamente. Mas, infelizmente não foi possível.